Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 15.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 667 / € 2,00 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

LUXO É ÂNCORA PARA VALORIZAR TERRITÓRIOS A MÉDIO/LONGO PRAZO

IMOBILIÁRIO Um quarteirão não ganha valor imediato pelo anúncio da construção de um empreendimento *premium*. A zona urbana envolvente tem que ser requalificada, transformando "áreas esquecidas em espaços atraentes e vibrantes".

DINHEIRO VIVO

OPINIÃO DE ANSELMO BORGES
O CÓMICO E O RISO NO VATICANO

PÁG. 15 E ÚLTIMA

AFP PHOTO / VATICAN MEDIA

Miguel Carretas Diretor-geral da Audiogest "Tem sido difícil convencer governos que as indústrias culturais e criativas também geram riqueza"

DINHEIRO VIVO

Madeira
Oposição madeirense não vê razões para otimismo de Albuquerque

PÁG. 8

Ucrânia
Líderes de mais de 90 países vão tentar encontrar um roteiro para a paz (mas ainda sem a Rússia)

PÁGS. 4-5

Educação
Alunos sem aulas. Governo faz diagnóstico "grave" e avança com medidas de emergência

PÁG. 11

Nick Bisley
"Austrália e Portugal deveriam trabalhar juntos para ajudar Timor-Leste", diz o professor de Relações Internacionais da Universidade La Trobe

PÁGS. 16-17

DN ALEMANHA ENTRA A GOLEAR ESCÓCIA POR 5-1 | MULTICULTURALISMO. ESTRELAS QUE ESCOLHEM UMA ENTRE SELEÇÕES PARA JOGAR PÁGS. 22-24

Até ver...

Carlos Ferro
Editor executivo do Diário de Notícias

Desporto, imigração e as desventuras de um partido

Além da polemicazinha em redor do símbolo da República – com o governo a mudar o logótipo e depois a recuperar o antigo devido ao "ruído" que o novo provocou, segundo fonte oficial explicou ao DN – e das várias análises aos resultados das eleições europeias, a semana que agora termina teve no desporto e na imigração dois temas em destaque e que até podem ser relacionados. Aliás, à parte a questão do símbolo, é possível encontrar pontos comuns entre os três assuntos.

Com o início do Campeonato da Europa de futebol – ontem, na Alemanha – voltaram as longas conjeturas sobre as possibilidades de a seleção nacional conseguir o seu segundo título [o primeiro foi em 2016, em França], as escolhas dos 26 jogadores por parte do selecionador, Roberto Martínez, e qual a melhor tática. Tudo temas que devemos deixar para os inúmeros especialistas que estão nos vários órgãos de comunicação social a comentar o evento.

O mesmo podemos escrever em relação às eleições europeias, onde, valendo-se da análise política, praticamente todos os responsáveis e candidatos dos vários partidos fizeram discursos vitoriosos, variando apenas o tom entre o eufórico (os que disseram ter ganho o sufrágio, mesmo perdendo um eurodeputado), o mais ou menos eufórico (quem manteve o mesmo número de eleitos) e o eufórico q.b. (apanharam um susto mas depois conseguiram manter representação em Bruxelas). Sendo que há um partido que tinha tantas expectativas que, ao eleger dois eurodeputados, considerou o resultado uma derrota – e assumiu-o.

Chegados a este resumo da semana, vamos às "ligações" entre alguns dos temas e ao que podemos chamar "um grande dilema" para o terceiro partido no atual espetro político nacional – talvez lhe possamos chamar mesmo as "desventuras" desse partido.

Comecemos pelo desporto: os nomes Pedro Pichardo, Agate Sousa, Pepe, Adrien Silva, Raphael Guerreiro, William Carvalho ou Éder dizem alguma coisa ao leitor? Os dois primeiros conquistaram medalhas para Portugal nos recentes Campeonatos da Europa de Atletismo, o luso-cubano Pichardo foi segundo no triplo salto e a são-tomense Agate de Sousa foi terceira no salto em comprimento. Nos restantes nomes estão futebolistas nascidos no Brasil, em França, na Alemanha, em Angola e na Guiné-Bissau. Em comum têm o facto de representar Portugal e terem sido campeões da Europa em 2016.

[...] numa semana em que se comemorou o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas nada melhor do que lembrar aos nacionalistas e anti-imigração que várias das conquistas desportivas que festejaram ao longo dos anos foram da autoria de atletas que escolheram a nacionalidade portuguesa.

Ora, numa semana em que se comemorou o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas nada melhor do que lembrar aos nacionalistas e anti-imigração que várias das conquistas desportivas que festejaram ao longo dos anos – e esperemos que este ano de Euro de futebol e de Jogos Olímpicos, entre outras competições internacionais, proporcione mais alegrias – foram obtidas por atletas que escolheram o nosso país como aquele que queriam representar ao mais alto nível.

O que será que dizem sobre isto os organizadores e participantes nas manifestações contra a imigração organizadas pelos nacionalistas do Grupo 1143 (ano da fundação de Portugal, com a assinatura do Tratado de Zamora)? E já que estamos em momento de pedir esclarecimentos, fica mais um: o que têm a dizer da atitude do líder do partido que mais clama contra os imigrantes (e outras etnias) que,, quando recentemente foi confrontado por um desses cidadãos estrangeiros que lhe disse trabalhar e pagar impostos, mas que teve de enviar a filha para fora de Portugal com medo do que pode acontecer devido às declarações desse político, não teve a coragem de falar e se limitou a por uns óculos escuros e a sair rapidamente do local?

Provavelmente nada, pois as ideias só surgem quando estão entre o seu grupo. São as desventuras da política. E desportivas.

OS NÚMEROS DO DIA

2

MEDALHAS
Portugal fechou o primeiro dia de finais dos Europeus de canoagem de velocidade com duas medalhas: ouro em K2 200 metros, por Iago Bebiano e Kevin Santos, e prata em K1 500, por Fernando Pimenta.

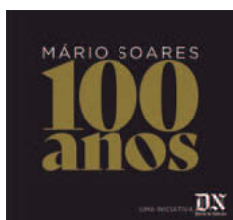
10

POR CENTO
O capitão da seleção nacional de futebol, Cristiano Ronaldo, comprou 10% do capital da Vista Alegre Atlantis e acordou adquirir, nos próximos dias, 30% do capital da Vista Alegre Espanha, foi ontem comunicado ao mercado. Ronaldo está com a seleção na Alemanha para o Euro 2024.

3,1

POR CENTO
A taxa de inflação homóloga em Portugal fixou-se nos 3,1% em maio, mais 0,9 pontos percentuais do que em abril, confirmou ontem o Instituto Nacional de Estatística.

12.000

LIVROS
Mais de 12 mil livros serão enviados, na próxima semana, de Lisboa para Cabo Verde. A iniciativa surgiu no âmbito de um projeto solidário que visa apoiar a criação de bibliotecas escolares na ilha de S. Vicente, destinadas a alunos que frequentam os ensinos básico e secundário.

15.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

UCRÂNIA

Líderes de mais de 90 países vão tentar encontrar um roteiro para a paz (mas ainda sem a Rússia)

CIMEIRA Zelensky espera que o encontro deste fim de semana na Suíça sirva para trazer uma "paz justa e duradoura" para a Ucrânia. Putin criticou a cimeira para a qual não foi convidado e garantiu que só negociará se Kiev retirar as tropas das regiões que Moscovo reivindica e se desistir da adesão à NATO.

TEXTO **ANA MEIRELES**

"Cheguei à Suíça para a Cimeira Mundial da Paz. Serão dois dias de trabalho ativo com países de todas as partes do mundo, com nações diferentes que, no entanto, estão unidas por um objetivo comum de trazer uma paz justa e duradoura à Ucrânia", anunciou ontem o presidente ucraniano numa publicação no X acompanhada de uma foto sua a sair do avião.

Hoje e amanhã vão estar reunidos junto ao lago Lucerna, além de Volodymyr Zelensky e a da presidente suíça, Viola Amherd, delegações de 92 países, 57 dos quais representados por chefes de Estado ou de governo, e oito organizações internacionais, metade da Europa e a outra metade do resto do mundo. Entre eles estão o francês Emmanuel Macron, a norte-americana Kamala Harris, o alemão Olaf Scholz ou o japonês Fumio Kishida. Portugal será representado pelo presidente Marcelo Rebelo de Sousa, que irá acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel. Quanto a organizações, Ursula von der Leyen, Charles Michel e Roberta Metsola irão em representação da União Europeia, estando também prevista a presença de líderes ou enviados das Nações Unidas, da Organização dos Estados Americanos ou da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa.

Estes líderes vão tentar traçar um roteiro para um eventual processo de paz para a Ucrânia – embora sem a Rússia, a grande ausente desta conferência, pois não se mostrou interessada em participar. Mesmo assim, Vladimir Putin deu ontem a conhecer quais são as suas condições para a paz na Ucrânia.

"Gostaríamos de ter um processo

No *resort* de Burgenstock davam-se ontem os últimos retoques para a cimeira.

FDFA/POOL/PASCAL LAUENER

PRESENÇAS E AUSÊNCIAS

A Suíça convidou mais de 160 delegações a nível de chefes de Estado ou de governo e organizações internacionais. Até ontem estava confirmada a presença de 100 delegações, mas também algumas ausências de peso.

PRESENTES

VOLODYMYR ZELENSKY
O presidente ucraniano anunciou em novembro de 2022 um plano de dez pontos para a paz no seu país. Em janeiro deste ano pediu à Suíça que organizasse uma cimeira internacional neste sentido.

VIOLA AMHERD
A presidente suíça aceitou o desafio de Zelensky para organizar esta cimeira de paz, mas já descartou a possibilidade de haver um acordo, preferindo dizer que o evento é apenas o início das negociações.

EMMANUEL MACRON
O chefe de Estado francês tem pedido aos parceiros europeus para aumentarem a ajuda a Kiev. A sua proposta de enviar tropas ocidentais para o terreno na Ucrânia, caso seja preciso, foi mal recebida na UE.

OLAF SCHOLZ
Embora com algumas hesitações iniciais em enviar material militar para a Ucrânia, nomeadamente os tanques Leopard 2, a Alemanha de Olaf Scholz é o terceiro maior apoiante de Kiev, a seguir aos EUA e à UE.

Zelensky chegou ontem à Suíça vindo de Itália, onde participou na cimeira do G7.

MICHAEL BUHOLZER

muito amplo com vista a uma paz justa e duradoura na Ucrânia", referiu a presidente suíça, Viola Amherd na segunda-feira, acrescentando que o encontro deste fim de semana pretende lançar as bases "para uma futura cimeira de paz que envolveria a Rússia".

Esta sexta-feira, Zelensky defendia que "juntos, como maioria global responsável, temos de envidar todos os esforços para garantir que as guerras, as agressões e a ocupação colonial possam terminar e que nunca mais se repitam. Estou certo de que todos no mundo estão interessados numa paz justa e no respeito por todas as nações", acrescentou o líder ucraniano.

Do plano de dez pontos para acabar com a guerra elaborado por Volodymyr Zelensky foram identificados três temas que estarão no centro desta Cimeira sobre a Paz na Ucrânia. Um dos assuntos que estará em cima da mesa é garantir o regresso de milhares de crianças ucranianas que, segundo Kiev, foram transferidas à força para território controlado pela Rússia. A Ucrânia pretende também garantias em torno da segurança nuclear e energética, pois os ataques russos paralisaram as centrais elétricas ucranianas e os combates perto da central nuclear ocupada de Zaporijia suscitaram receios de um acidente catastrófico.

> Kiev desvalorizou a proposta de Vladimir Putin para a paz, com o conselheiro da Presidência ucraniana a classificá-la como "contrária ao bom senso".

Finalmente, garantir que a Ucrânia será capaz de exportar cereais através do Mar Negro – um corredor fundamental para entregas a nações vulneráveis em termos alimentares que Kiev quer conquistar. Numa entrevista dada em maio à AFP, Zelensky afirmou que se a Ucrânia conseguir reunir consenso em torno destas questões "isso significa que a Rússia não as bloqueará ainda mais".

A ausência da Rússia da cimeira suscitou críticas de algumas capitais próximas do Kremlin, como Pequim. Estas afirmaram que a Moscovo deveria ser incluído em qualquer processo de paz. Mas não só: esta foi a razão dada pelo Brasil para a ausência do presidente Lula da Silva na cimeira. O próprio Kremlin referiu que seria "absurdo" trabalhar para resolver o conflito sem a participação russa.

No entanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros suíço, Ignazio Cassis, garantiu esta semana que a Rússia deve ser incluída em algum momento e que era mais uma questão de "quando a Rússia estará a bordo". Andriy Yermak, chefe da administração presidencial ucraniana, repetiu esta intenção, sugerindo que os russos poderiam ser convidados para uma segunda cimeira.

Zelensky já explicara anteriormente por que a Rússia não foi convidada: "Não queremos que quaisquer formatos de negociações, quaisquer fórmulas de paz nos sejam impostas por países, mesmo pelos nossos parceiros, que não estão aqui, não estão em guerra".

Falta de boa-fé

Ausente da cimeira, o presidente russo decidiu indicar ontem, a partir de Moscovo, que ordenaria "imediatamente" um cessar-fogo na Ucrânia e iniciaria negociações se Kiev começasse a retirar as tropas das quatro regiões anexadas por Moscovo em 2022 e renunciasse aos seus planos de adesão à NATO. E referiu que a sua proposta tem como objetivo uma "resolução final" do conflito na Ucrânia, em vez de "congelá-lo", e sublinhou que o Kremlin está "pronto para iniciar negociações sem demora".

Vladimir Putin enumerou ainda como exigências mais amplas para a paz o estatuto não nuclear da Ucrânia, restrições à sua força militar e a proteção dos interesses da população de língua russa no país. Todas estas exigências deveriam fazer parte de "acordos internacionais fundamentais" e todas as sanções ocidentais contra a Rússia deveriam ser levantadas, afirmou ainda o líder russo. Sobre a cimeira, Putin referiu que "sem a participação da Rússia e sem um diálogo honesto e responsável connosco, é impossível alcançar uma solução pacífica na Ucrânia e para a segurança da Europa em geral".

A Ucrânia desvalorizou esta proposta, classificando-a como "contrária ao bom senso". "Temos de nos livrar destas ilusões e deixar de levar a sério as 'propostas' da Rússia, que são contrárias ao bom senso", afirmou ontem Mykhailo Podoliak, conselheiro da Presidência ucraniana. Já o secretário-geral da NATO considerou que a proposta russa "não foi feita de boa-fé" e que é, pelo contrário, no sentido de "mais agressão" à Ucrânia. Na mesma linha de Jens Stoltenberg, o secretário da Defesa dos EUA, Lloyd Austin, defendeu que o Kremlin "não pode ditar" as regras para um cessar-fogo e para o fim do conflito que iniciou.

ana.meireles@dn.pt

À MARGEM

UM *RESORT* DE PAZ
O Burgenstock é um resort de luxo junto ao lago Lucerna que há mais de 150 anos recebe líderes políticos e famosos, de Indira Gandhi e Jimmy Carter a Charlie Chaplin e Audrey Hepburn (que casou e chegou a viver lá). Foi também já palco de outras conversações de paz: o governo sudanês e o principal grupo rebelde acordaram ali um cessar-fogo de seis meses, abrindo caminho para um acordo de paz em 2005, e em 2004, foram realizadas conversações sobre um plano para reunificar Chipre, presididas pelo secretário-geral da ONU Kofi Annan, mas sem sucesso.

MUITA SEGURANÇA
A Suíça está a realizar uma grande operação de segurança em torno da cimeira, com o objetivo de afastar não só ameaças físicas, mas também ataques cibernéticos e desinformação. Até 4.000 soldados estão a ser mobilizados e foram erguidos cerca de 6,5 quilómetros de cerca e oito quilómetros de arame farpado. O vale atrás do *resort* é agora um heliporto e o espaço aéreo da região está fechado até segunda-feira.

KAMALA HARRIS
Embora tenha estado nos últimos dois dias em Itália para o G7, o presidente Joe Biden trocou esta cimeira por uma angariação de fundos hoje em Hollywood. A representá-lo vai estar a vice-presidente Kamala Harris.

O GRANDE AUSENTE
VLADIMIR PUTIN
A Rússia indicou várias vezes não estar interessada em estar presente nesta cimeira. Mesmo assim, ontem, a partir de Moscovo, Vladimir Putin deu a conhecer quais são as suas condições para haver paz.

AUSENTES
XI JINPING
A China – que se diz neutra neste conflito, apesar de ser uma aliada de Putin – foi convidada para a cimeira, mas declinou devido à ausência da Rússia. Pequim negou ter pressionado outros países a não participarem.

LULA DA SILVA
A presença de Lula da Silva, o presidente rotativo do G20 e um representante do Sul Global, foi muito desejada, mas o líder brasileiro decidiu não ir à Suíça por achar que a ausência da Rússia não faz sentido.

CYRIL RAMAPHOSA
O presidente da África do Sul tem liderado os esforços africanos para obter a paz neste conflito. Atualmente, Ramaphosa está a tentar formar um governo no seu país, o que o levou a faltar a esta cimeira.

por Pedro Sequeira

A cabeça de lista do PS, Marta Temido, foi a candidata mais votada nas europeias e permitiu a Pedro Nuno Santos a primeira vitória eleitoral como secretário-geral.

PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

Ronaldo bisou em Aveiro e deu excelentes sinais antes do arranque do Euro 2024.

MIGUEL PEREIRA/GLOBAL IMAGENS

Durante as comemorações oficiais do 10 de Junho, Marcelo apontou a um país "menos discriminatório para todas as terras".

Sáb.

Israel. Resgate de reféns não travou saída de Gantz

Uma operação militar em larga escala no coração da Faixa de Gaza, que envolveu centenas de militares e agentes do Serviço de Segurança Interna de Israel, permitiu a libertação de quatro reféns que estavam capturados pelo Hamas. O feito foi festejado em Israel e elogiado por vários líderes mundiais, mas não ficou isento de críticas, pois da operação, suportada por bombardeamentos que incidiram sobre o campo de refugiados de Nuseirat terão resultado, pelo menos, 210 mortos e 400 feridos, segundo os números avançados pelas autoridades de Gaza controladas pelo Hamas, que falam em 37 mil mortos no enclave palestiniano desde o início do conflito. No próprio sábado, o primeiro-ministro israelita aproveitou para lançar um apelo a Benny Gantz para recuar na intenção de se demitir do governo israelita, que passou a integrar (ainda que sem pasta) logo após o ataque do Hamas de 7 de outubro do ano passado que fez mais de 1200 mortos em Israel. No entanto, dias mais tarde Gantz viria a confirmar a saída, exigindo ainda a realização de eleições antecipadas. "Netanyahu está a impedir-nos de avançar para uma verdadeira vitória. É por isso que deixamos hoje o governo de emergência com o coração pesado, mas sem arrependimentos", explicou o antigo chefe militar e líder do partido União Nacional.

Dom.

PS ganha europeias, mas não dá para grandes celebrações

O PS celebrou vitória nas eleições europeias de domingo e com este resultado conseguiu inverter um ciclo de quatro derrotas eleitorais consecutivas (duas regionais na Madeira, regionais dos Açores e legislativas). Foi também o primeiro triunfo de Pedro Nuno Santos enquanto secretário-geral socialista, numas eleições em que apostou forte tanto na escolha do cabeça de lista (Marta Temido) como na reformulação completa da lista de nomes dos candidatos ao Parlamento Europeu. Ainda assim, a vitória permite segundas leituras, que tiram algum gás à festa do partido. Na verdade, o PS acabou até por ficar com menos eurodeputados do que tinha eleito em 2019 (8 contra 9), a diferença de votos em relação à AD foi ainda mais curta (aproximadamente 40 mil votos) do que a que deu o triunfo a Montenegro nas legislativas de março e, além disso, é inquestionável que o país continua virado para a direita (em conjunto, AD, IL e Chega somaram praticamente 50% dos votos dos portugueses). Como o DN adiantou, o resultado obrigou o PS a repensar a estratégia para captar novos eleitores, apontando agora baterias ao centro, pois à esquerda o que se vê, eleição após eleição, é uma erosão continuada do eleitorado (BE, PCP e Livre juntos não chegaram sequer aos 500 mil votos). Na Europa assistiu-se, como esperado, a um crescimento da extrema-direita, mas sem volume suficiente para ameaçar a liderança dos conservadores do PPE. Em Portugal o Chega não teve o resultado esperado, superando por pouco a Iniciativa Liberal, que teve em Cotrim de Figueiredo um candidato forte, com peso político individual, em contraponto com Tânger Corrêa, que nunca conseguiu sair da sombra do líder, André Ventura.

2.ª

10 de Junho e um país a duas velocidades

As cerimónias oficiais do Dia de Portugal tiveram lugar, por escolha do Presidente da República, em três das localidades do interior do país que mais sofreram com os incêndios florestais de 2017 – Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera e Pedrógão Grande. Nesta última, no discurso do 10 de Junho, Marcelo Rebelo de Sousa pediu um "futuro mais igual e menos discriminatório para todas as terras e para todos os portugueses". A coesão territorial (ou melhor, a falta dela) também foi destacada no discurso de Rui Rosinha, uma das vítimas graves dos grandes incêndios de 2017 nesta região, que fizeram 66 mortos, 253 feridos e destruíram floresta, casas e empresas. O bombeiro defendeu que é necessário uma "séria e verdadeira coesão territorial, social e estrutural, e não apenas medidas em papel sem concretização efetiva", para dar à região condições que realmente ajudem a fixar mais pessoas no interior: emprego, médicos, mais oferta educativa, redes de transporte público, entre outros exemplos. Os problemas do interior são muitas vezes os mesmos do resto do país, mas na hora de implementar medidas é, quase sempre, dada prioridade aos territórios com maior população, o que, tendo até alguma lógica, vai agravando o fosso da desigualdade e dando corpo a um Portugal a duas velocidades. E esse é um problema que não se resolve com discursos.

3.ª

CR7 mostra boa forma e passa a barreira dos 900 golos

Portugal encerrou da melhor maneira os jogos de preparação para o Euro 2024, com uma exibição convincente frente à Irlanda, em Aveiro, e um triunfo por 3-0 que ajudou bastante a atenuar a má imagem deixada sábado, no Jamor, quando foi derrotado pela Croácia (1-2). "Crescemos juntos. Ver todos os jogadores de campo a executar a mesma ideia não é fácil, mas mostrámos foco e união de equipa, com um desempenho completo", analisou o selecionador, Roberto Martínez, após a partida com os irlandeses. Mas o grande destaque da noite foi mesmo Cristiano Ronaldo. O capitão português regressou ao onze, fez todo o jogo e selou o resultado final com dois excelentes golos. O bis de Ronaldo permitiu ainda ao avançado ultrapassar a extraordinária barreira dos 900 golos de carreira, 130 ao serviço da seleção nacional (78 destes marcados já depois de festejar o 30.º aniversário). Aos 39 anos, CR7 prepara-se para disputar a sexta fase final de um Europeu (outro recorde) e entra na competição como titular indiscutível na equipa portuguesa, salvo alguma surpresa de última hora. A estreia de Portugal é já na próxima terça-feira (20h00), em Leipzig, frente à República Checa. Ao contrário do que aconteceu em 2016 em França, quando a seleção conquistou o Europeu, desta vez Portugal entra em prova na Alemanha integrando claramente um lote restrito de favoritos à vitória final. Mas, ainda assim, Ronaldo meteu água na fervura lembrando o básico: "Sonhar é grátis. Portugal tem de sonhar, pelo talento que tem, mas sem trabalho não adianta nada."

PAULO NOVAIS/LUSA

Alcântara (e os seus pintores) venceu pela primeira vez as Marchas Populares de Lisboa.

CARLOS PIMENTEL/GLOBAL IMAGENS

Almog Meir Jan, de 22 anos, foi um dos quatro reféns libertados por Israel.

AFP PHOTO / ISRAELI ARMY

Ministro da Educação, Fernando Alexandre, apresentou plano de ação.

TIAGO PETINGA/LUSA

LEONARDO NEGRÃO/GLOBAL IMAGENS

Luís Montenegro e Leitão Amaro. A primeira medida do governo logo após a tomada de posse foi recuperar os símbolos nacionais no logótipo da República. Mas durante um bom par de horas estes estiveram ausentes do portal oficial do governo.

4.ª

República Portuguesa: um logótipo em obras

O dia começou com uma trapalhada do governo, que, aparentemente, teria sido fácil de evitar, numa quarta-feira que prometia ter sido agitada no departamento de informática de São Bento. Durante várias horas o logótipo oficial que encabeça a página do portal do governo esteve visível sem esfera armilar, quinas e escudo, naquela que será a sua versão iconográfica, otimizada para ecrãs mais pequenos. Estaria tudo bem não fosse o facto de esta mudança, no mínimo, contradizer tudo o que Luís Montenegro e Leitão Amaro foram dizendo sobre o assunto. A 2 de dezembro, numa iniciativa do Conselho Estratégico do PSD, o então candidato a primeiro-ministro referiu-se ao logótipo do Executivo de António Costa (que também não exibia os símbolos nacionais) desta forma: "Nós, no nosso projeto, não fazemos sucumbir as nossas referências históricas e identitárias a uma ideia de ser mais sofisticados, connosco não há disso." Por sua vez, o ministro Leitão Amaro, na primeira conferência do governo após a tomada de posse, fez o seguinte anúncio: "Já tomámos decisões. A primeira foi alterar o logótipo que representa a República Portuguesa, repondo símbolos essenciais da nossa identidade, história e cultura." No entanto, pouco mais de dois meses após estas declarações, lá reapareceu, em posição de destaque na página oficial do governo, um logótipo sem símbolos... A situação foi divulgada pelo DN e o certo é que, um par de horas após a publicação da notícia, o governo voltou atrás e repôs o logótipo com os símbolos, "para que não se gerasse mais mal-estar e confusão". Pode é ter sido um pouco tarde demais.

5.ª

St.º António com festa inédita em Alcântara

Dia de Santo António é manhã de festa rija em Alcântara, o bairro vencedor das Marchas Populares de Lisboa. Esta foi a primeira vez que Alcântara conseguiu triunfar no concurso, no qual participaram este ano um total de 20 marchas, que, no seu conjunto, mobilizaram cerca de 1600 participantes, segundo revelou a Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC), responsável pela organização da iniciativa, tendo o pódio ficado completo com Marvila (2.ª) e Alfama (3.ª). A Marcha de Alcântara teve a arte da pintura como tema principal e repartiu ainda prémios de melhor coreografia, cenografia e figurino. A festa de Lisboa e o desfile voltaram a chamar largos milhares de pessoas à Baixa da cidade, num sinal de vitalidade da tradição lisboeta e num ano em que as Marchas Populares são candidatas a integrar a lista nacional de Património Cultural Imaterial. O programa festivo dura até final de junho, encerrando com dois espetáculos no Terreiro do Paço, de Tony Carreira (dia 29) e Richie Campbell (dia 30).

6.ª

Alunos sem aulas. "É o problema mais grave"

A meta do governo é ambiciosa e passa por reduzir em 90% o número de alunos que estão sem aulas no final do primeiro período por falta de professores a algumas das disciplinas. Segundo o Ministério da Educação, em setembro, no arranque do ano letivo que está agora a terminar, mais de 324 mil alunos estavam sem aulas a pelo menos uma disciplina e mais recentemente, em maio, ainda eram 22 mil os estudantes afetados. Ontem, durante a apresentação do plano de ação do governo, o ministro da Educação, Fernando Alexandre, não hesitou em considerar que este "é o problema mais grave do nosso sistema de ensino", porque "põe em causa o percurso escolar". A falta de professores atinge todo o território, mas com particular destaque nas zonas de Lisboa e Algarve (que estão também entre as que têm rendas mais caras no país). Já entre as disciplinas mais afetadas estão algumas tão estruturais como Português e Matemática, mas também Informática e Geografia. Como resposta, o governo diz que vai tentar convencer a ficar ou a regressar às escolas docentes que tenham atingido a idade de reforma, oferecendo remuneração adicional, bem como tentar acelerar o reconhecimento das habilitações de professores imigrantes, atrair outros que tenham deixado a profissão para trabalhar noutras áreas e permitir aos que têm redução de horário dar mais aulas extraordinárias. No papel parece tudo certo. Mas a questão que se coloca é: e os professores querem?

HELDER SANTOS/ASPRESS

Miguel Albuquerque disse que só "uma razão de ego partidário ou de apetência de poder" levará a chumbar o Programa do Governo.

Oposição madeirense não vê razões para otimismo de Albuquerque

IMPASSE Líder regional social-democrata acredita na aprovação do seu Programa do Governo por incluir propostas de todos os partidos. Mas uma reviravolta do JPP ou do Chega é improvável.

TEXTO **LEONARDO RALHA***

A aprovação do Programa do Governo que foi apresentado ontem por Miguel Albuquerque, que tenta manter-se presidente do Governo Regional, cargo que exerce desde 2015, continua a ser considerada muito improvável pela oposição madeirense. E, tendo em conta que a soma dos deputados do PS, Juntos pelo Povo (JPP) e Chega é suficiente para o chumbo, fontes desses três partidos contactadas pelo DN não encontram motivos para o otimismo que o social-democrata diz sentir.

"Estou otimista. Acho que tem de haver bom senso em função da defesa do interesse comum", disse Miguel Albuquerque, após entregar o Programa do Governo ao presidente da Assembleia Legislativa Regional da Madeira, José Manuel Rodrigues, líder regional centrista que fez o acordo de incidência parlamentar que permitiu ao PSD suplantar a soma de deputados do PS e JPP, levando o representante da República, Ireneu Barreto, a indigitar Albuquerque para formar um novo executivo.

Segundo Miguel Albuquerque, "não há nenhuma razão, a não ser uma razão de ego partidário ou de apetência de poder" para chumbar o Programa do Governo. Até porque, como fez questão de realçar, o documento inclui "propostas de todos os partidos". No entanto, como deverá ficar patente na discussão do documento, que decorre entre terça e quinta-feira, existe forte hipótese de reprovação, pois o PSD e CDS só têm 21 deputados (19 sociais-democratas e dois centristas), havendo 11 do PS, nove do JPP e quatro do Chega. Mesmo os dois restantes eleitos, do PAN (cuja deputada regional Mónica Freitas foi decisiva para o anterior executivo de Miguel Albuquerque, então em coligação com o CDS-PP) e da Iniciativa Liberal, não bastariam se PS, JPP e Chega votarem contra.

Anunciado foi o voto contrário do PS e do Chega, com o líder nacional desse último partido, André Ventura, a deixar claro que essa posição seria repensada caso o PSD apresentasse outro nome para a presidência do Governo Regional da Madeira. Em causa estão as investigações judiciais que envolvem Miguel Albuquerque, levando Ventura a afirmar, na passada terça-feira, que o social-democrata "não tem condições éticas, políticas e pessoais para continuar à frente do Governo Regional".

> O líder regional do Chega não fez mais comentários ao otimismo de Albuquerque quanto à aprovação além de um lacónico "ainda bem para ele".

Quanto ao JPP, a contemplação no Programa do Governo de um concurso público para criar um *ferry* misto de passageiros e carga entre a Madeira e Portugal Continental, como tem sido exigido por esse partido, foi encarada como a forma de encontrar um caminho marítimo para a aprovação. Mas Miguel Albuquerque admite não ter "garantias de ninguém" e fontes da oposição madeirense ouvidas pelo DN não acreditam que o JPP – que fez um acordo com o PS para tentar formar o primeiro Governo Regional da Madeira sem participação do PSD – mude de ideias. O DN tentou obter um comentário do secretário-geral do JPP, Élvio Sousa, às declarações de Albuquerque, mas tal não foi possível até ao fecho desta edição.

Por seu lado, o líder regional do Chega, Miguel Castro, preferiu não fazer mais comentários ao otimismo de Albuquerque quanto à aprovação do Programa do Governo além de um lacónico "ainda bem para ele". E, salientando ao DN que ainda estava a começar a ler um documento que só dera entrada na sua caixa de correio eletrónico às 17:46 de ontem, reiterou que, não obstante a análise das 180 páginas, "muitas delas *copy-paste* do programa do ano passado", qualquer eventual aprovação dependeria do afastamento pelo PSD de quem pretende manter-se presidente do Governo Regional da Madeira.

Com Albuquerque a dramatizar o cenário de um governo de gestão, na medida em que não permitiria "desbloquear um conjunto de decisões que têm de ser tomadas", como as obras do novo hospital e da unidade de saúde do Porto Santo ou atualizações salariais, o líder do PS-Madeira, Paulo Cafôfo, disse ontem que "a instabilidade em que a Madeira e o Porto Santo mergulharam tem só um responsável: Miguel Albuquerque, que ultimamente só recorre à chantagem para se desresponsabilizar, em vez de garantir condições para governar". ***Com LUSA**

PROGRAMA

Impostos
O Programa do Governo retoma o desagravamento fiscal de forma gradual em sede de IRS, mas "sem comprometer a consolidação orçamental e o equilíbrio das finanças públicas". E reduz o IVA na eletricidade e bens de primeira necessidade, de 5% para 4%.

Habitação
Defende-se um maior investimento no parque habitacional público, através da construção, reabilitação e aquisição de casas para fins sociais. E rentabilizar o património devoluto, bem como canalizar terrenos públicos sem uso para novos empreendimentos a custos controlados (arrendamento e aquisição), com uma bolsa de terrenos públicos para cooperativas de habitação.

Transportes
Além do concurso público para uma ligação marítima de carga e passageiros entre a Madeira e Portugal Continental, defende-se a substituição do ferry que assegura atualmente as ligações entre Madeira e Porto Santo por uma embarcação mais rápida.

Pedro Nuno acusa Montenegro de governar "para uma minoria"

OPOSIÇÃO O primeiro-ministro garantiu que vai exercer o mandato "mesmo que não haja" consenso. Agora, o líder do PS deixa críticas à forma como os destinos do país têm sido geridos.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

A opinião de Pedro Nuno Santos é só uma: Luís Montenegro, primeiro-ministro, é "o principal agente da instabilidade política" e "não tem nenhuma vontade de construir o que quer que seja com o Partido Socialista". Isto mesmo sem ter uma "maioria para viabilizar" as opções políticas do governo.

Em declarações feitas ontem numa visita à Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, o líder socialista voltou a deixar críticas ao Executivo e desvalorizou as palavras do primeiro-ministro, que, na véspera, garantira que vai continuar a governar, "mesmo que não haja uma convergência". Além disso, assegurou também que a sua prioridade é "a vida concreta das pessoas, é a resolução dos problemas das pessoas".

Perante isto, Pedro Nuno Santos acusou o primeiro-ministro de governar "para uma minoria". "O Sr. Primeiro-Ministro diz que governa a pensar na vida concreta dos portugueses. Não é verdade. Nós temos assistido a um conjunto de medidas que são vendidas como sendo destinadas à classe média, mas que só beneficiam uma minoria. Uma minoria que este governo chama de classe média", atirou. Na opinião do líder socialista, Montenegro e os seus ministros devem mudar a forma como lidam com a oposição na Assembleia da República. "O PS não pode simplesmente ser ignorado", avisou Pedro Nuno Santos, relembrando que o partido "não é suscetível de ser humilhado". Afinal, "elegeu deputados, tem deputados, programa eleitoral, propostas e uma visão para o país".

Perante esta postura do governo, o secretário-geral do PS deixou ainda outro alerta: o Orçamento do Estado para o próximo ano (que Marcelo Rebelo de Sousa já disse, por mais de uma vez, ser prioritário de aprovar) "já está a ser comprometido, sem qualquer tipo de negociação".

Questionado ainda sobre as declarações da ministra da Saúde, Ana Paula Martins, que acusou as lideranças em saúde de serem "fracas", o líder do PS acusou a ministra de tentar culpar os administradores pelos problemas na área. "Não se pode esconder atrás de ninguém", atirou.

PAULO CUNHA/LUSA

Pedro Nuno Santos visitou a Feira Nacional da Agricultura.

> *"Temos, na pessoa do primeiro-ministro, o principal agente da instabilidade política em Portugal. [...] O governo não se pode comportar como se tivesse a maioria absoluta."*
>
> **Pedro Nuno Santos**
> Secretário-geral do PS

> *"Viemos para governar, resolver problemas, independentemente dos ciclos políticos e independentemente das tentativas de bloqueio que os outros possam fazer."*
>
> **António Leitão Amaro**
> Ministro da Presidência

Leitão Amaro garante governo para lá do "bloqueio"

Depois destas afirmações de Pedro Nuno Santos, o ministro da Presidência foi na mesma direção de Luís Montenegro. Falando na conferência de imprensa após o Conselho de Ministros, António Leitão Amaro reiterou que a prioridade do Executivo é resolver os problemas existentes. Isto com "constitucionalidade e equilíbrio orçamental", independentemente dos "ciclos políticos" e das "tentativas de bloqueio que os outros possam fazer".

Segundo Leitão Amaro, "o mais importante" é que "o governo está a governar e está a enfrentar os vários problemas estruturais". Questionado sobre a notícia do *Expresso*, segundo a qual o governo estuda um travão no Orçamento do Estado para as vitórias da oposição no Parlamento e acredita que o fim das portagens poderá ser inconstitucional, respondeu: "Não tivemos nenhuma discussão sobre medidas e ações de outros órgãos de soberania. O nosso compromisso é governar e resolver os problemas do país atacando o que é estrutural e fazendo-o num espírito de constitucionalidade e de equilíbrio orçamental." **Com LUSA**

Opinião
Nuno Piteira Lopes

Que país queremos para quem nos escolhe?

Numa simples saída à rua, seja numa ida ao supermercado ou para ir a algum tipo de serviço, é praticamente impossível não entrarmos em contacto direto com algum cidadão imigrante. De facto, estes estão um pouco por toda a parte a prestar serviços essenciais na nossa vida quotidiana. Arrisco mesmo afirmar que a maioria dos residentes em Portugal, excluindo os normais contactos profissionais, interage mais com cidadãos que escolheram o nosso país para viver do que com aqueles que cá nasceram.

Os imigrantes são, por isso, um grande motor económico, dando resposta às muitas necessidades laborais que o país não consegue resolver por si. Sem os seus préstimos a indústria portuguesa não se desenvolveria e a crise económica seria uma realidade impossível de debelar. Além disso, os imigrantes dão um enorme contributo à natalidade, garantindo, assim, o suporte necessário para a sustentabilidade do nosso Estado social.

A imigração tem uma importância gigante para o nosso país que ninguém consegue desmentir. No entanto, pergunto se Portugal está a saber receber estas pessoas com a dignidade que merecem. Infelizmente, a resposta é negativa.

Apesar de muito se falar sobre o tema, ocupando tempo de televisão e páginas de jornais, apenas são discutidas duas posições: a que defende uma imigração aberta e a que é favor de uma imigração controlada – ambas na ótica do cidadão nacional e nunca na ótica do cidadão que nos escolhe.

Basta circularmos pelos centros das cidades, e não me refiro só às grandes urbes, para verificarmos que existem aglomerados de imigrantes em pequenos apartamentos, muitos deles a viverem em condições absolutamente desumanas, onde a saúde pública está altamente comprometida.

Esta situação, que nos devia envergonhar de sobremaneira, revela o absoluto desprezo com que estas pessoas são recebidas em Portugal e deixadas às mãos de autênticas organizações criminosas, que fazem do tráfico humano o seu modo de sustento. A facilidade com que estas organizações operam em Portugal, tratando cidadãos oriundos de países pobres como mercadoria, coloca a nu a ineficaz legislação que agora, e bem, está a ser revertida pelo atual governo.

Nos últimos anos, o completo abandono do Estado Português a estes cidadãos tornou-os frágeis, deixando-os isolados perante autênticos ataques à sua dignidade humana. Uma situação que permitiu que Portugal se tornasse um autêntico "paraíso" para a implementação de um sistema de "escravatura legal".

Esta realidade, que foi destapada na altura da covid-19, com os surtos que surgiram nas estufas do litoral alentejano, não foi suficiente para que o antigo governo tomasse medidas de combate à indignidade e à exploração de milhares de trabalhadores. Essa indiferença isolou ainda mais quem já estava isolado, deixando-os à sorte num país onde não conhecem os seus direitos e não dominam o idioma.

Este distanciamento profundo contribuiu para a criação de comunidades isoladas, dificultando a integração destes cidadãos numa cultura diferente. Esse afastamento tem acentuado um choque cultural com que não estamos a saber lidar, mas que o Estado ajudou a promover.

A resolução destes casos não pode ficar apenas ao cuidado das muitas associações criadas para o efeito, algumas de doutrina de esquerda, que apenas vivem de apoios pagos pelo Estado e para as quais, a bem do seu interesse, a resolução do fenómeno imigratório não interessa resolver. Estes movimentos são, por isso, as principais vozes contra as medidas apresentadas pelo governo. Um claro sinal de que estas estão no bom caminho para criar uma sociedade digna para aqueles que procuram o nosso país na esperança de consolidar o seu projeto familiar.

A imigração tem uma importância gigante para o nosso país que ninguém consegue desmentir. No entanto, pergunto se Portugal está a saber receber estas pessoas com a dignidade que merecem.

Vice-presidente da Câmara de Cascais.

Opinião
Viriato Soromenho-Marques

O novo outono alemão

As eleições europeias, em especial em França e na Alemanha, provaram aquilo que venho defendendo desde 2014. A doença europeia, que se tornou visível na crise do euro, não terminou nem é conjuntural. É uma crise estrutural de identidade, cada vez mais existencial. Agora que estes dois países, a chamada "locomotiva europeia", estão paralisados na linha de um destino incerto, importa parar para pensar. Comecemos, hoje, pela Alemanha.

A participação maciça dos alemães nas eleições para o Parlamento Europeu (64,78%, que compara com a escassa participação portuguesa de 36,54%) permite uma leitura inequivocamente nacional dos seus resultados. Tendo em conta que nas eleições federais só os partidos com mais de 5% de votos têm representação no Bundestag, apenas seis forças partidárias estão hoje em condições de formar grupos parlamentares federais. Por um lado, os três partidos da atual coligação: sociais-democratas/SPD, Verdes/Grünen e Liberais/FDP. Por outro, três formações da oposição: os democratas-cristãos da CDU/CSU; a extrema-direita da AfD, e um novel partido que tem na sigla as iniciais do nome da corajosa deputada que o criou, Sahra Wagenknecht, BSW. Os partidos da coligação governamental perderam no total 11 deputados ao PE (sendo 9 dos Verdes!) em relação às eleições de 2019. Na oposição: a CDU/CSU manteve os seus 29 deputados; a AfD juntou mais 6 deputados aos 9 de que já dispunha em 2019; a nova BSW conquistou 6 lugares. Isto significa que, no PE, o governo alemão está em clara minoria, com 31 deputados (SPD, 14; Verdes, 12; FDP, 5) contra 40 deputados dos partidos da oposição (CDU/CSU, 29; AfD, 15; BSW, 6).

O atual governo de Berlim não tem comparação com nenhum outro, mesmo incluindo o período da República de Weimar (1918-1933), na vocação para acumular desastres e, voluntariamente, sofrer desaforos. Na primeira vez que visitei a Alemanha, no verão de 1983, encontrei uma nação determinada na luta contra o perigo da guerra nuclear. Nessa altura, o risco de confronto na Europa central havia escalado devido à tensão crescente entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia (PV). No SPD, a voz de Oskar Lafontaine reclamava a saída da Alemanha da OTAN. Os Verdes, que em março desse ano tinham entrado pela primeira vez no Bundestag, uniam a luta pela paz à defesa da ecologia e da justiça social. Hoje, os Verdes tornaram-se belicistas por excelência. A sua reação à guerra da Ucrânia revelou uma total impreparação para identificar tanto o interesse nacional como o europeu, mostrando ainda desprezo pelo desastre ambiental e social da guerra e suas consequências. Annalena Baerbock (ministra dos Negócios Estrangeiros) e Robert Habeck (ministro da Economia e Clima) têm sido os rostos desta perda de alma de um partido, que é também metonímia da desfiguração de uma nação. A sua russofobia e total ignorância das questões militares não conhecem limites. Até o apoio incondicional ao genocídio do IDF em Gaza não falta no desastre dos Verdes alemães. Desconhecemos quando baterá a Alemanha no fundo, o que sabemos é que o resto da UE acompanhará a sua queda. Em 1919, aquando do Tratado de Versalhes, Max Weber advertia: "Uma nação pode perdoar o dano causado aos seus interesses, mas não o dano causado à sua honra." O desinteresse cúmplice do governo de Berlim pela ação terrorista que em setembro de 2022 destruiu três dos quatro *pipelines* do sistema Nord Stream I e II, metade pago com dinheiro alemão e europeu, ficará nos anais da indignidade política.

Annalena Baerbock e Robert Habeck têm sido os rostos desta perda de alma de um partido [Verdes], que é também metonímia da desfiguração de uma nação.

Professor universitário.

Alunos sem aulas. Governo faz diagnóstico "grave" e avança com medidas de emergência

EDUCAÇÃO Programa + Aulas + Sucesso, apresentado pelo ministro, pretende "reduzir em 90%" o número de alunos sem professores no final do 1.º período do próximo ano letivo. Contratar docentes aposentados é uma das medidas.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Informática é a disciplina mais crítica, segundo os dados do Ministério da Educação.

ARQUIVO GLOBAL IMAGENS

O ministro da Educação, Fernando Alexandre, apresentou ontem, após a reunião do Conselho de Ministros, um programa para combater a falta de professores, mas antes de comunicar as 15 medidas para fazer face ao problema fez um diagnóstico do que tem sido este ano letivo. O governo classificou o elevado número de alunos sem aulas este ano letivo como "um verdadeiro drama nacional". E esse drama foi mostrado em números pelo titular da pasta da Educação. "O ano letivo começou em setembro, mas não começou para cerca de um terço dos alunos do nosso sistema educativo. Isto é obviamente muito grave", explicou. Contudo, alertou para o facto de que "este problema não pode ser resolvido já na totalidade este ano".

Em setembro de 2023 havia mais de 324 mil alunos sem aulas a pelo menos uma disciplina, um número que foi reduzindo ao longo do ano letivo, mas que afetava ainda cerca de 22 mil alunos no final do mês passado. Segundo o ministro, quase mil alunos não tiveram professores a pelo menos uma disciplina desde o início do ano letivo.

Disciplinas críticas

Fernando Alexandre expôs as disciplinas onde há maior escassez de professores e, em consequência, mais alunos sem aulas. As que ocupam os primeiros cinco lugares da lista são Informática, Português, Geografia, Matemática e Educação pré-escolar. Seguem-se as disciplinas de Física e Química, Inglês, Biologia e Geologia, História, Português e Inglês (2.º ciclo), Artes Visuais, Educação Especial, Inglês de 1.º ciclo, Economia e Contabilidade e, por último, Espanhol.

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), mostra-se preocupado com a disciplina de Português, cujo exame nacional é obrigatório. "Com o Português a preocupação é maior. Também é preocupante a falta de professores a Matemática, pois é uma disciplina onde os alunos, tendencialmente, têm mais dificuldade. Somando a isso a escassez de professores na disciplina, o cenário é preocupante", explica.

É nas zonas de Lisboa e do Algarve, e em algumas do Alentejo, que se concentram as escolas com mais problemas. Nesses territórios, segundo o ministro da Educação, a elevada falta de professores já se regista há três anos consecutivos. "São 163 agrupamentos escolares sinalizados em 51 concelhos, sendo que 119 estão localizados na Área Metropolitana de Lisboa", sublinhou.

Medidas de emergência

O Ministério da Educação (ME) vai melhorar as condições de trabalho dos docentes através da redução da carga burocrática e da remuneração do trabalho extraordinário e permitir a contratação de 140 técnicos superiores para tarefas administrativas de apoio aos diretores de turma (um impacto orçamental de 2,5 milhões de euros).

O ME vai também atribuir mais 30 mil horas extraordinárias nos grupos de recrutamento com défice de professores e nas escolas sinalizadas, na impossibilidade de as escolas suprirem as necessidades através da contratação. "Subir para 10 horas semanais o limite de horas extraordinárias a atribuir a cada docente; autorizar os docentes com redução de carga horária ao abrigo do artigo 79.º do ECD a prestar trabalho extraordinário", explica o ME. Aqui, o custo orçamental é de cerca de 1 milhão de euros (0,96).

O Executivo compromete-se ainda a "dar às escolas e aos diretores instrumentos que permitam uma gestão de professores mais eficaz, para reduzir o número de alunos sem aulas"; a flexibilização na "gestão de horário para evitar sobreposição de disciplinas críticas, para assim garantir que todos os alunos têm aulas, compensando as ausências prolongadas"; acelerar a contratação de escola para permitir a seleção de candidatos de forma mais célere, todos os dias da semana.

Uma das maiores fatias orçamentais (4,1 milhões de euros/ano) vai para a agregação de horários no mesmo ou em agrupamento distinto daquele onde o docente está colocado (horários incompletos), disponibilizando três mil horas de crédito. Já para reter e atrair docentes para escolas com alunos sem aulas, o ME vai viabilizar, a partir de 2025, a contratação de docentes aposentados, com a devida compensação (3,28 milhões de euros/ano). Haverá ainda um incentivo remuneratório para os docentes que atinjam a idade de aposentação e que queiram continuar a dar aulas (9 milhões de euros/ano).

Duas das grandes novidades são a possibilidade de acumulação de até 10 horas a bolseiros de doutoramento e a atribuição de duas mil bolsas de estudo a novos estudantes matriculados nas licenciaturas e mestrados em Ciências da Educação/Ensino. O ME comprometeu-se a simplificar os procedimentos para o reconhecimento de habilitações para a docência e integração no sistema educativo português de professores imigrantes.

Para Filinto Lima, as medidas anunciadas "demonstram que o governo está preocupado com um problema estrutural do país, que é a escassez de professores. Contudo, considera o objetivo de reduzir em 90% o número de alunos sem professores no final do 1.º período do próximo ano letivo "ambicioso". "O ministro apresentou o plano que tinha prometido, mas penso que não vai ter uma eficácia de 100%. O objetivo é ambicioso", vincou. Das medidas apresentadas destaca a atribuição de uma bolsa a alunos que ingressem numa licenciatura ou mestrado para dar aulas. "Parece interessante para aliciar estes jovens para uma carreira que tem poucos profissionais." Já sobre as medidas que visam os professores aposentados e os que têm redução de horário (devido à idade ou aos anos já trabalhados), Filinto Lima tem algumas dúvidas da sua eficácia, pois "estes docentes estão cansados". "Poderá haver uma minoria que vai aderir, mas muitos não o deverão fazer", refere. E diz estar agora na "expectativa para perceber se os professores aderem às medidas apresentadas".

324.228

Alunos (18.680 turmas) estavam sem aulas a pelo menos uma disciplina em setembro. O ministro considera o número "obviamente muito grave". Segundo o titular da pasta da Educação, "o ano letivo começou em setembro, mas não para cerca de um terço dos alunos do sistema educativo".

22.116

Alunos estavam sem aulas a pelo menos uma disciplina a 31 de maio. Desses, "quase três mil estiveram sem aulas durante todo o 3.º período e 1143 sem aulas desde dezembro". Houve alunos que não tiveram aulas a pelo menos uma disciplina nem no 2.º período nem no 3.º

939

Alunos (47 turmas) estão atualmente sem aulas a pelo menos uma disciplina desde setembro de 2023. "São alunos que no final de maio não tinham tido aulas a pelo menos uma disciplina desde o início do ano", explica o governo.

Kamal Kishore “Portugal está mais bem preparado, com um foco maior na prevenção de incêndios”

DESASTRES Perito da ONU afirma que as lições aprendidas com os incêndios de 2017 são agora também aplicadas a nível europeu.

ENTREVISTA **JOÃO FRANCISCO GUERREIRO**, Bruxelas

CHRISTOPHE LICOPPE

O representante especial da ONU para a Redução do Risco de Desastres, Kamal Kishore, considera que os incêndios de 2017 em Portugal deixaram lições para toda a Europa. Entrevistado em Bruxelas pelo DN, afirmou que a abordagem do Centro Europeu de Coordenação da Resposta de Emergência está mais focada na informação e nos mecanismos que previnam os fogos florestais antes de eles acontecerem. Como ilação a retirar dos incêndios de 2017, este perito das Nações Unidas defende que a prevenção deve estar na linha da frente do combate aos incêndios.

A Europa tem feito o necessário para a prevenção de riscos?
Absolutamente. A Europa faz mais do que qualquer outra região na redução de riscos. A abordagem da Europa baseia-se em duas coisas: integração, que reúne as capacidades dos países da União Europeia e suas vantagens competitivas, e flexibilidade, que é iterativa e evita planos fixos. É capaz de responder a cenários de risco em mudança, por isso acho que a Europa está a fazer as coisas certas. Mas, claro, há muito mais a ter de ser feito.

Como se enquadram crises como a dos incêndios de 2017 em Portugal numa estrutura que, como diz, “está a fazer tudo bem”?
Sobre a crise dos incêndios florestais em Portugal, é claro que a Europa, incluindo Portugal, está mais bem preparada do que anteriormente, com um maior foco na prevenção. Visitei o Centro Europeu de Resposta a Emergências, onde se fala não apenas em monitorizar incêndios quando ocorrem, mas também em antecipá-los, analisando o risco com base nas condições meteorológicas, como calor, humidade, vento e material combustível. Portugal está agora mais bem preparado do que há alguns anos. O futuro estará cheio de surpresas e incertezas, mas se houver um sistema que seja ágil, flexível e que se adapte rapidamente, então será capaz de gerir essas incertezas e surpresas no futuro também.

Tem casos práticos que possam servir de exemplo?
Vou dar-lhe o exemplo da Índia. Há 20 anos, com um *tsunami* no oceano Índico, muita gente na costa leste da Índia, no Estado do Sul de Tamil Nadu, nunca tinha ouvido falar de um *tsunami*. Mas havia uma aldeia em particular onde, dois meses antes de a catástrofe ocorrer, tinha sido feito um exercício abrangente para saberem, se houvesse um ciclone ou se houvesse uma tempestade, como conseguiriam evacuar, quem seria responsável pelos primeiros socorros, como seria fornecida a comida, etc. Tudo isto liderado por um grupo de mulheres. Então, quando o *tsunami* ocorreu, não era esse propriamente o fenómeno para que estavam preparados. Eles tinham-se preparado para um ciclone, mas como havia um sistema em vigor foram capazes de responder ao *tsunami* e a taxa de mortalidade foi um quarto daquela que existiu nas aldeias vizinhas. Portanto, planear com antecedência, rever constantemente os nossos planos e responder a cenários de risco emergentes será benéfico perante novos cenários e incertezas e surpresas que possam surgir no futuro.

A coordenação a nível europeu deveria ser aprofundada e a resposta de crise mais integrada?
Isso já está a acontecer: uma resposta mais integrada e coordenada e em relação a qualquer país. Portugal ou qualquer outro país deve estar aberto a receber aviões no caso de incêndios florestais ou qualquer outra assistência externa, na medida em que é algo que não deve ser improvisado quando um desastre ocorre de facto. Isto é uma coisa que precisa de ser planeada e colocada em prática antes de qualquer catástrofe ocorrer. Precisamos de ter sistemas, procedimentos e protocolos. Como é que um país pode pedir assistência? Como poderá articular as suas necessidades? Quais são os padrões? Os sistemas dos países que fornecem e recebem apoio são interoperáveis? Ora, se os sistemas estiverem implementados, o que acredito que está a acontecer agora na Europa, isso evidentemente que não será um grande problema em eventos que ocorram futuramente.

Disse que no futuro haverá mais surpresas. Está também a pensar nas alterações climáticas?
Pode haver muitos tipos de surpresas. Uma delas, claro, é resultado das alterações climáticas, especialmente os eventos meteorológicos e climáticos, que estão a tornar-se menos previsíveis, mais intensos, mais frequentes. A geografia também está a mudar, pois países que não tinham inundações agora têm, que não eram identificados como propensos a ondas de calor agora têm calor extremo. Por isso tanto a geografia como as características dos perigos estão a mudar. Mas o segundo ponto é que muitas vezes, num mundo interconectado globalmente, muitos perigos podem combinar-se e criar um novo cenário, que talvez não tenhamos antecipado completamente. É isso que quero dizer, que devemos estar preparados para coisas que nunca aconteceram antes. O futuro não será como o passado.

> *“A gestão de riscos de desastres não é um esforço que se faça de uma só vez. É algo que temos de atualizar e rever incessantemente.”*

Pode dar alguns exemplos?
Pode ter, por exemplo, numa região montanhosa, um lago glacial que se rompe, e quando isso acontece muita água desce, o que pode causar deslizamentos de terra nas montanhas. Esses deslizamentos de terra podem bloquear os rios, criar lagos artificiais. E depois, se esse lago artificial se rompe, pode causar novamente inundações repentinas de segunda ordem. Então, como chamaria a esse fenómeno agora? Uma inundação por rompimento de lago glacial? Ou uma inundação repentina? Um deslizamento de terra? São todos esses perigos, a criar uma espécie de mistura, que podem constituir uma surpresa. Mas não estou a dizer que perante essas surpresas devemos ser fatalistas. O que quero dizer é que, se estivermos preparados, se os nossos sistemas estiverem operacionais, podemos estar à altura da ocasião e lidar com todos esses fenómenos.

Parecem cenários apocalípticos. Como é que as autoridades podem gerir os recursos para responder a isso?
Se investirmos na resiliência a nível local, subnacional, nacional, regional, como está a acontecer na Europa, não será um cenário apocalíptico, será apenas um cenário realista. Só porque um evento é algo que não ocorreu antes não significa que não sejamos capazes de lidar com ele. Acho que temos os sistemas, a tecnologia, os meios, a experiência para lidar com estas ocorrências e apenas precisamos de trabalhar continuamente tudo isso. O ponto nevrálgico é que a gestão de riscos de desastres não é um esforço que se faça de uma só vez, não é como se se criasse um cenário de desastre e se ancorasse tudo a ele, é algo que temos de atualizar e rever incessantemente.

Na campanha para as eleições europeias os candidatos falaram sobre migrações, sobre a guerra e os recursos para a enfrentar. Teme que a resposta a desastres naturais seja uma questão secundária?
Bem, não estou ciente do debate político aqui, mas o que quero dizer é que a resiliência dos nossos cidadãos é uma preocupação central e não adicional. Não é uma coisa marginal ou periférica – é uma preocupação central. Se queremos o desenvolvimento humano nas nossas sociedades, a resiliência é um elemento-chave. Obviamente, deve ser atraente para qualquer político focar-se na resiliência dos cidadãos do seu país.

A coordenação da resposta a emergências deve estar entre as prioridades do Parlamento Europeu nos próximos cinco anos?
Deve ser uma prioridade em todo o mundo, pois é crucial para os nossos cidadãos. Se queremos que os nossos filhos prosperem num planeta em aquecimento, é realmente importante que seja uma prioridade global. É isso que gostaríamos de ver da perspetiva do gabinete da ONU para a redução do risco de desastres.

Vento fornece um quarto da energia em Portugal, mas a renovação do parque eólico é um desafio

DIA MUNDIAL DO VENTO Relatório mostra que a energia eólica foi responsável por mais de um quarto do consumo energético do país em 2023. Mas é preciso reforçar a aposta e "atrair investimento" para cumprirmos um "conjunto exigente de metas" estabelecidas até final da década.

TEXTO **RUI FRIAS**

FERNANDO FONTES / ARQUIVO GLOBAL IMAGENS

Em 2023 foram produzidos em Portugal continental 12,7 TWh de origem eólica.

Na data em que se assinala o Dia Mundial do Vento, o relatório *Parques Eólicos em Portugal* assinala a importância deste fenómeno natural para o consumo energético no país: no ano passado, mais de um quarto da energia consumida pelos portugueses foi gerada pela força do vento, através da capacidade eólica proporcionada pelos 2862 aerogeradores distribuídos pelo país. No entanto, apesar de Portugal ser um dos países pioneiros na aposta na energia eólica, os últimos anos têm ficado marcados por alguma estagnação e levantam-se desafios para o país cumprir as metas a que se propôs até 2030. Entre eles o envelhecimento do parque eólico existente, com uma parte significativa a aproximar-se do fim de vida útil recomendada.

Segundo o relatório elaborado pelo INEGI – Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial, em parceria com a Associação Portuguesa de Energias Renováveis (APREN), em 2023, em Portugal continental, foram produzidos 12,7 TWh (terawatts-hora) de origem eólica *onshore*, importados 2,7 TWh (parte destinada a armazenamento) e usados 13,5 TWh de energia proveniente desta fonte renovável no consumo de eletricidade. Mais de um quarto do consumo total do país, que se ficou nos 50,7 TWh.

Para José Carlos Matos, diretor da área de energia eólica do INEGI, "a energia eólica continua a desempenhar um papel incontornável no setor elétrico português", sendo a principal fonte de energia renovável, apesar de uma quase estagnação nos últimos anos, depois do grande desenvolvimento inicial na primeira década deste milénio. Em 2023 verificou-se uma ligeira retoma de crescimento da capacidade eólica, com a maior taxa de crescimento (2,9%) dos últimos oito anos: cerca de 166 MW (megawatts), na maioria respeitantes a projetos de sobreequipamento (aerogeradores instalados em parques já existentes) e um caso de reequipamento (renovação) – à semelhança de 2022, não foram instalados nos parques eólicos.

Ainda assim, aponta o gestor do INEGI, instituto associado à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, um crescimento "modesto face ao potencial disponível e aos objetivos do Plano Nacional de Energia e Clima". Os dados identificados no relatório mostram que o país tinha, no final de 2023, uma capacidade geradora de 5,9 GW de eletricidade através da eólica. Ora, o Plano Nacional Energia e Clima 2030 (PNEC 2030), revisto em junho de 2023 em linha com os objetivos a que Portugal se propôs junto da União Europeia (neutralidade carbónica em 2045), prevê uma capacidade geradora de 6,3 e 10,4 GW de eólica *onshore* (em terra) em 2025 e 2030, respetivamente. O Estado Português anunciou também a intenção de ver concretizados 2 GW de eólica *offshore* (no mar) até final da década.

Ao DN, José Carlos Matos diz que o país precisa de "novos parques eólicos" para respeitar as metas estabelecidas e para isso tem de voltar a haver "uma estratégia política persistente", como a que esteve na origem do crescimento da primeira década deste século. "Olhando para o território, ainda temos capacidade para instalação de mais parques eólicos", refere, apontando também os principais desafios que se colocam para que Portugal consiga cumprir com o estabelecido no PNEC 2030 – que passam, entre outros, pelo ambiente regulatório, pela necessidade de reforço da rede e pelo rejuvenescimento do parque eólico atual.

"A estagnação dos últimos 10 anos deve-se muito à ausência de condições de mercado. Durante o período inicial da aposta portuguesa nas eólicas o sistema de tarifas fixadas administrativamente cativou operadores para investimento. Depois, o preço livre no mercado fez com que deixasse de ser tão atrativo", nota o executivo. "Todo o mundo está a fazer esta transição e a tentar atrair investimento. A competição é intensa e o Estado tem que dar sinal aos investidores de que este é um bom sítio para investir, criando para isso condições regulatórias estáveis", reforça. Além desse trabalho, acrescenta, "é preciso incentivar a eletrificação dos consumos das empresas e dos consumidores e reforçar a capacidade da rede de armazenamento e distribuição".

Um problema a requerer respostas imediatas é o envelhecimento do parque eólico existente. "À data de hoje, temos cerca de 20% da potência geradora no limbo dos 20 anos de vida útil, que é o prazo de validade recomendado", reconhece. Um cenário "grave", porque "pode ser uma oportunidade perdida". No final desta década cerca de 95% dos parques eólicos existentes hoje terão 15 ou mais anos, correspondendo isso a 94% da potência instalada (cerca de 5,2 GW), o que reforça na agenda a necessidade da renovação das instalações de energia eólica no país.

87%

Renováveis A produção renovável abasteceu 87% do consumo de eletricidade nos primeiros cinco meses deste ano, segundo os dados mais recentes divulgados pela REN – Redes Energéticas Nacionais. Destes, 30% couberam à energia eólica.

1250

Megawatts Olhando para a distribuição geográfica, Viseu é o distrito líder no que se refere à potência eólica instalada (1249,1 MW). Seguem-se Coimbra (599 MW) e Vila Real (589 MW).

0,8%

Portugal ficou na cauda dos países da Europa em nova capacidade eólica instalada em 2023, com um crescimento de apenas 0,8%. Alemanha liderou, com um reforço de 18,5% nos seus parques eólicos.

Urgências na Margem Sul mais afetadas com fechos

SNS Mais um verão em que há constrangimentos nas urgências de ginecologia-obstetrícia e pediatria em unidades de norte a sul do país.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

De todos os serviços de urgência espalhados pelo país há 19 que vão registar constrangimentos, uns durante o fim de semana, outros durante toda a semana. A região de Lisboa e Vale do Tejo é a mais afetada, com oito hospitais nesta situação, sendo que a Margem Sul é onde se regista a situação mais grave, pois as unidades de Almada e do Barreiro vão ter os serviços de ginecologia-obstetrícia e de pediatria encerrados toda a semana, até dia 20.

A informação sobre os serviços de urgência que vão estar abertos ou encerrados por falta de médicos que assegurem as escalas voltou ontem a ser publicada no Portal do SNS, devendo manter-se daqui para a frente com atualização semanal e não mensal, como acontecia desde o verão do ano passado. Os mapas que voltaram a ser publicados ontem pelo Ministério da Saúde integram a informação disponibilizada por cada Unidade Local de Saúde (ULS) até ao dia 20 e nestes é possível perceber que há alguns hospitais já encerrados desde ontem. Em Setúbal, o Hospital de São Bernardo vai ter a urgência de ginecologia-obstetrícia aberta sábado, domingo e segunda e depois fecha o resto da semana até dia 20 e a de pediatria estará fechada até dia 20 também com exceção para o dia 17 entre as 9h00 e as 20h00. O Hospital Garcia de Orta, em Almada, terá a urgência de ginecologia-obstetrícia fechada toda a semana e a de pediatria só no turno diurno, até às 20h00. Na ULS do Arco Ribeirinho, que integra os Hospitais do Barreiro e do Montijo, o primeiro vai ter os serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia e de pediatria encerrados toda a semana, mas o segundo terá aberto toda a semana o serviço de urgência geral. O Hospital São Francisco Xavier, em Lisboa, terá o serviço de ginecologia-obstetrícia encerrado durante o fim de semana e segunda-feira até às 20h00. A partir desta hora funcionará como urgência referenciada até às 8h00 de terça-feira – recorde-se que as urgências referenciadas, assinaladas no mapa de escalas a amarelo, estão reservadas às urgências internas e para quem vai referenciado pelo CODU ou pelas linhas SNS24 e SOS Grávida. E, neste sentido, na nota enviada às redações, o Ministério da Saúde volta a reiterar a importância de se ligar primeiro para estas duas linhas antes de os utentes se dirigirem a uma urgência hospitalar. Ainda na região de Lisboa e Vale do Tejo, o Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, vai manter fechada a urgência de pediatria sábado e domingo, retomando a atividade às 8h00 de segunda-feira. Em Vila Franca de Xira, os mesmos serviços encerraram já ontem e seguem assim sábado, domingo e na próxima sexta, dia 20. Em Abrantes também há constrangimentos na urgência de ginecologia-obstetrícia, que só funcionará entre as 0h00 e as 21h00 de domingo, dia 16, e as 14h00 e as 21h00 de segunda-feira. O Hospital de Torres Novas terá constrangimentos em pediatria das 0h00 às 9h00 de domingo.

ARTUR MACHADO/GLOBAL IMAGENS

No Norte, apenas três unidades têm constrangimentos nas urgências.

> Em Setúbal, o Hospital de São Bernardo é o que regista a pior situação, com as urgências geral, ginecologia-obstetrícia e pediatria encerradas quase toda a semana.

Na região Norte há apenas três unidades com constrangimentos nas urgências. O Hospital de Santa Maria Maior, em Barcelos, que terá a pediatria a funcionar de dia 14 a dia 20 entre as 8h00 e as 22h00 e o Hospital de Chaves também terá a pediatria fechada no fim de semana. No Hospital da Póvoa do Varzim funcionará entre as 0h00 e as 8h00 de sábado e depois no mesmo período no domingo.

Na zona Centro, o Hospital de Leiria terá constrangimentos no fim de semana, mas também durante a semana, nos serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia e pediatria. No Hospital de Viseu a urgência de pediatria mantém-se encerrada. E no Hospital da Guarda o serviço de urgência de ginecologia-obstetrícia vai estar fechado também. No Sul, no Hospital de Faro, também os serviços de ginecologia-obstetrícia e pediatria vão estar encerrados no fim de semana.

anamafaldainacio@dn.pt

Traficante de sonhos
António Brito Guterres

Último

Em cada semana há vários vacilos que acarinho de bom tom. Pensamentos que fluem e que acabam por ser o processo de escolha para o tema de cada crónica. Pode ser algo já escrutinado, mas com um ângulo que sobra, ou até o que ninguém escreveu. Às vezes sinto só a falta de uma palavra qualquer, que ainda assim conseguiu ficar omissa no meio da imitação servil de análise mediática do que acham que é importante para os nossos dias.

Não poucas vezes uma emergência atropela o que parecia escolhido. Assim, para além do que se imprime, sobra muito. Dessa semana, das semanas anteriores, dos últimos meses, até de anos passados, de quando ainda não tinha esta incumbência. Tudo algures numa listinha infinita, naquilo a que chamamos um ficheiro, mas que não é mais que zeros e uns escondidos bem longe do meu computador, numa localidade indecifrável. Tudo é relativo.

A minha condução automóvel por itinerários errantes, indefinidos e longos é, na verdade, o espaço de escrita, onde concebo palavras, frases e parágrafos; resta-me depois aninhar-me naquele troço temporal que se tornou sagrado a cada quinta-feira, em que passo tudo para convénios aceitáveis para serem entregues no dia seguinte, de modo a chegar a vocês a cada sábado.

Eventualmente, esta semana seria como as outras. O processo estava desencadeado, mas foi formalmente interrompido com a correspondência eletrónica da direção do DN anunciando a minha dispensa como cronista do jornal.

Nos últimos mais de 20 anos tive responsabilidades institucionais que não me permitiam assumir um espaço tão público como uma coluna de jornal. Agradeço ao Diário de Notícias o convite e a oportunidade, onde tentei explorar uma liberdade profissional recentemente adquirida.

Mesmo sabendo que o futuro da minha presença seria precário, atraiu-me a ideia de participar com narrativas semanais num diário cujas dificuldades financeiras e orgânicas são conhecidas, achando, de algum modo, que podia contribuir para a sua melhoria.

Por fim, sou também agradecido a um conjunto particular de circunstâncias destes últimos seis meses. Da neta que me apresenta uma avó a pedido desta por gostar de ler o que escrevo, da mulher que trabalha na minha rua e que me interroga no café se sou o autor das crónicas que lê assiduamente, do jovem que descobriu o que era o DN, até dos alunos do secundário que me interpelam por terem estudado um texto meu em sala de aula.

Nesta cidade há uma série de cadeiras e paredes vazias que já foram ocupadas por mulheres e homens que muito me ensinaram. Fui feliz a devolver-lhes vida como personagens de algumas das minhas crónicas.

Obrigado e abraços, também à Catarina, ao Nuno e à Raquel, por reverem os meus textos à vez. Vou continuar aí na rua. Alguns sabem onde me encontrar.

> **Vou continuar aí na rua. Alguns sabem onde me encontrar.**

Assistente social.

Opinião
Anselmo Borges

O cómico e o riso no Vaticano

1 Este texto foi escrito antes da realização de um acontecimento que julgo muito significativo e que teria lugar no Vaticano no dia de ontem: o encontro do Papa Francisco com mais de 100 humoristas de todo o mundo, entre eles Joana Marques, Maria Rueff e Ricardo Araújo Pereira.

Um encontro organizado pelo Dicastério para a Cultura e a Educação e pelo Dicastério da Comunicação. O seu objectivo: "Estabelecer um diálogo entre a Igreja Católica e os humoristas." "Francisco reconhece o grande impacto que a arte da comédia tem no mundo da cultura contemporânea. Através do talento humorístico e do valor unificador do riso nos dias de hoje são oferecidas reflexões únicas sobre a condição humana e a situação histórica. Além disso, a arte da comédia pode contribuir para um mundo mais empático e solidário", referia o comunicado do Vaticano, acrescentando que "o encontro entre Francisco e os actores cómicos do mundo pretende celebrar a beleza da diversidade humana e promover uma mensagem de paz, amor e solidariedade, e promete ser um momento significativo de diálogo intercultural de partilha de alegria e esperança".

2 Estando a escrever antes do acontecimento, só posso esperar que assim seja. E sobre o tema deixo aí algumas reflexões, já por vezes aqui expendidas.

A Igreja oficial nunca se deu muito bem com o humor e o riso. Por exemplo, ainda vivi tempos nos quais durante o Carnaval, nos seminários, havia a chamada Exposição do Santíssimo Sacramento e durante o dia e a noite rezava-se pelos pecadores e fazia-se penitência em reparação pelos pecados daqueles dias. Sou sincero: nunca percebi em que diferiam os pecados do Carnaval dos pecados dos outros dias.

Até se generalizou a ideia de que Jesus nunca se riu. Na verdade, de Jesus diz-nos o Evangelho que chorou: chorou pela morte do seu amigo Lázaro e Jerusalém... Não se diz que riu. Mas já Santo Tomás de Aquino observou que é evidente que Jesus riu. A prova: Jesus é homem e rir é característica essencial, distintiva, do ser humano. Jesus participou em festas de casamento e alguém imagina uma festa de casamento sem risos? Uma boa piada pode estabelecer pontes, o riso é cura. Lá está Kant: para aliviar as agruras da vida, o Céu deu-nos três coisas: "a esperança, o sono e o riso".

Digo: ai da Igreja e dos crentes, ai das instituições, sem a crítica por vezes mordaz, que pode ajudar a curar. Só nas ditaduras é que não se pode fazer humor nem rir dos poderes instituídos. Ai de cada uma e cada um de nós se não souber rir-se de si mesmo, de si mesma, das suas manias e disparates... O que não se pode – não se deveria – é cair no riso alarve, na piada boçal e ofensiva, que apenas significam falta de inteligência. Ah! o riso também ajuda a curar a vaidade oca, e ele há tanta, tanta vaidade oca: "Mesmo no mais alto trono do mundo, está-se sentado sobre o cu", escreveu Montaigne.

Na Idade Média realizava-se a chamada Festa dos Loucos, uma crítica brutal ao poder eclesiástico. Elegia-se, entre os subdiáconos, um senhor da festa, designado "Bispo". Esse subdiácono, o grau mais baixo da hierarquia, era vestido de bispo, colocado em cima de um burro e entrava na igreja com a face voltada para a cauda, de costas para o altar. Em certos momentos o celebrante e o povo zurravam. Na entrega simbólica do "báculo" episcopal entoava-se o *Magnificat* – o hino de louvor que o Evangelho coloca na boca de Maria – naquele passo: "Deus derrubou os poderosos e exaltou **os** humildes." Sobre a Festa dos Loucos pronunciou-se a Faculdade de Teologia de Paris em 1444, justificando-a: "Os nossos eminentes antepassados permitiram esta festa. Porque haveria ela de ser-nos interdita?" Neste descalabro burlesco dever-se-ia ver, no limite, a urgência de não confundir o sagrado em si mesmo com as mais variadas formas idolátricas com que tantas vezes os crentes se lhe dirigem.

A propósito da força crítica da piada e da caricatura, fica aí esta sobre o Vaticano e todo aquele luxo, que blasfema do Evangelho de Jesus, no fausto de uma procissão com cardeais, arcebispos, bispos, monsenhores, com mitras, tricórnios, alguns vestidos de púrpura... Aconteceu que São Pedro veio à janela do Céu e viu aquilo. Estarrecido, chamou Jesus, que olhou e apenas disse: "E pensarmos nós, Pedro, que começámos aquilo, entrando de burro em Jerusalém, onde fui crucificado pelos poderes do Templo e do Império... Lembras-te?!"

Sim, Francisco socorre-se também do bom humor e todos os dias reza a "Oração do bom humor", oração atribuída a São Tomás Moro, o autor de *A Utopia*, o ex-chanceler que não se esqueceu de levar a gorjeta para o carrasco que ia decapitá-lo. Francisco recomendou-a também aos membros da Cúria Romana, onde tem tantos adversários e até inimigos, a quem falta o bom humor divino: "Dá-me, Senhor, uma boa digestão e também algo para digerir./Dá-me um corpo saudável e o bom humor necessário para mantê-lo./Dá-me uma alma simples que sabe valorizar tudo o que é bom/e que não se amedronta facilmente diante do mal,/mas, pelo contrário, encontra os meios para voltar a colocar as coisas no seu lugar./ Concede-me, Senhor, uma alma/que não conhece o tédio,/os resmungos,/os suspiros/e as lamentações,/nem os excessos de stresse por causa desse estorvo chamado 'Eu'./Dá - me, Senhor, o sentido do bom humor./Concede-me a graça de ser capaz de uma boa piada, uma boa piada para descobrir na vida um pouco de alegria/e poder partilhá-la com os outros./Ámen."

AFP

Ai de cada uma e cada um de nós se não souber rir-se de si mesmo, de si mesma, das suas manias e disparates... O que não se pode – não se deveria – é cair no riso alarve, na piada boçal e ofensiva, que apenas significam falta de inteligência.

Padre e professor de Filosofia.
Escreve de acordo com a antiga ortografia.

Nick Bisley "Austrália e Portugal deveriam trabalhar juntos para ajudar Timor-Leste"

GEOPOLÍTICA Por iniciativa da Embaixada da Austrália em Portugal, as relações entre o grande país da Oceânia e a União Europeia estiveram em debate no ISEG, em Lisboa, e o DN conversou depois com Nick Bisley, professor de Relações Internacionais da Universidade La Trobe, em Melbourne, sobre como na região do Indo-Pacífico se sente a guerra na Ucrânia, também o conflito em Gaza, mas sobretudo a ascensão da China. O futuro de Timor-Leste foi igualmente um tema abordado.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Para um país tão distante da Europa como é a Austrália, qual o impacto que tem a atual guerra na Ucrânia?
Há algumas coisas importantes que afetaram os australianos de forma bastante significativa. Uma delas foi, creio eu, um verdadeiro choque, pelo facto de uma guerra em grande escala ser algo que um Estado pode fazer novamente, um país usar a força militar para conquistar o território de um vizinho, desrespeitar a soberania deste, violar a Carta das Nações Unidas. E do ponto de vista dos australianos, cidadãos de uma potência média no sistema internacional, as grandes potências exercerem o seu peso com recurso a força militar faz com que se fique bastante preocupado. A segunda coisa tem a ver com a China e a relação da Rússia com a China, e o facto de Vladimir Putin ter premido o botão de início da invasão dias depois de se encontrar com Xi Jinping em Pequim para a abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno. Claramente, teve algum tipo de bênção do líder chinês.

A Austrália está preocupada com a aliança entre a China e a Rússia?
Sim. Duas potências autoritárias a trabalhar em conjunto para promover interesses partilhados é muito desconcertante para um país como a Austrália, que tem um interesse grande no *statu quo* e no primado do direito internacional. O que nos deixa também um pouco preocupados é o facto de as dimensões mais ambiciosas e de maior risco na política externa chinesa parecerem ter ganho peso, evidenciado por isso. Se tivéssemos uma China cautelosa, cuidadosa e moderada, estou bastante confiante de que Putin teria ouvido um não de Pequim. Portanto, nós, australianos, ficámos muito desconcertados com a invasão da Ucrânia e com o papel que a China desempenha com o seu apoio tácito e cada vez mais explícito. Portanto, é realmente reforçado o sentimento que temos no Indo-Pacífico de que a China está decidida a mudar o ambiente internacional, está preparada para assumir alguns riscos para o fazer, e estamos a começar a descobrir como fazê-la recuar, trabalhando com outros para o conseguir.

Quando a China fala do mar do Sul da China e de Taiwan e diz que são assuntos internos, como reagem os australianos? Vê essa ambição estratégica e territorial da China como uma ameaça para a Austrália?
Não vejo como uma ameaça no sentido de que não temos nenhuma disputa territorial com a China, não somos como o Japão, que tem reivindicações territoriais concorrentes. Mas vemos como ameaça haver um país que não está preparado para aceitar as regras existentes. Por exemplo, a decisão do Tribunal Permanente de Arbitragem de Haia em 2016 a favor das Filipinas a China ignorou-a, o que é um alerta vermelho para a Austrália. A questão de Taiwan é complexa para a Austrália, pois temos uma política de "Uma Só China" como a maioria dos países, o que torna difícil a gestão da diplomacia, mas claramente, como quase todos os países da região e certamente todos os países liberais do mundo, não quer ver uma solução implementada pela força. E o que vemos neste momento é uma China que se sente cada vez mais confortável a usar a força, a desrespeitar o direito internacional, a desconsiderar as opiniões e pontos de vista dos seus vizinhos e a agir cada vez mais como uma potência intimidante na região, e isso não é algo com que estejamos felizes.

> *"Duas potências autoritárias, como a Rússia e a China, a trabalhar em conjunto para promover interesses partilhados é muito desconcertante para um país como a Austrália, que tem um interesse pessoal no* statu quo *e no primado do direito internacional."*

AUKUS e QUAD são completamente diferentes, mas ambos são respostas da Austrália a estas ambições da China? Como funcionam?
Então comecemos pelo AUKUS, que na realidade tem duas partes. Uma parte é simplesmente um programa de aquisição de submarinos. Portanto, trata-se da aquisição, manutenção e implantação de submarinos movidos a energia nuclear pela Austrália e realmente precisamos de ajuda em todos os aspetos. Não podemos produzi-los, não podemos mantê-los e não podemos implementá-los neste momento, por isso precisamos de um apoio significativo. O segundo componente, o segundo pilar, como é chamado, é sobre a partilha de tecnologia para desenvolver capacidades de alta tecnologia de próxima geração, algumas delas diretamente relacionadas com questões de segurança, caso dos drones submarinos e similares, mas a maior parte, na verdade, tem a ver com a infraestrutura. Trata-se de cabos submarinos, computação quântica e coisas do género, e o que a Austrália, os EUA e o Reino Unido estão a tentar fazer é dizer que nesta competição com a China não se trata apenas de Forças Armadas tradicionais, submarinos e porta-aviões, mas também é uma competição que vai ser travada nas fronteiras da alta tecnologia, no ciberespaço, e essas são áreas em que precisamos de ajuda para nos defendermos, tal como todos os outros, e que, se conseguirmos esse tipo de reforço da nossa infraestrutura, poderemos ser mais resilientes perante o que será uma competição de largo espetro em todos os domínios.

E o QUAD é mais informal?
Sim. O QUAD é engraçado, porque começou como um acordo de segurança quadripartido bastante padronizado e parecia que a Austrália, o Japão, a Índia e os EUA reuniriam as suas Forças Armadas e descobririam como colaborar, especialmente no domínio marítimo, para fazer recuar a China. E no entanto, depois de alguns anos, a questão afastou-se muito da segurança, e se falarmos com um responsável de qualquer dos quatro países, ele dirá: não, o QUAD não é sobre segurança. O QUAD é sobre infraestrutura, é sobre consciencialização do domínio marítimo, e há cerca de 18 ou 19 áreas nas quais estamos a trabalhar e todas elas estão tangencialmente relacionadas com a segurança, mas não diretamente, imagino-as um pouco como o pilar 2 do AUKUS e figuram no apoio a estes países que tentam lidar com um ambiente internacional mais competitivo. Portanto, não está a aproveitar capacidades acrescidas em termos militares tradicionais, mas sim a fornecer uma espécie de infraestrutura de segurança mais robusta para ajudar estes países a lidarem com novos desafios. Há pessoas na Austrália, na Índia, no Japão e nos EUA que querem que o QUAD seja como a NATO, ou pelo menos um tipo de organização militar mais concreta, que exista para conter a China, mas os quatro países de momento simplesmente não estão interessados em fazer isso.

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Mencionou na sua conferência aqui em Lisboa que existe uma estreita relação de cooperação militar com o Japão. Podemos dizer que no Indo-Pacífico o Japão é hoje o aliado mais importante da Austrália?
Sim, depois dos Estados Unidos, o nosso parceiro de segurança mais próximo, por uma margem considerável, é o Japão. Há toda uma série de acordos que temos em torno da partilha de informações, sobre o envio de tropas, sobre o estatuto das forças. Fazemos uma série de exercícios militares conjuntos. Os seus militares, ou a sua força de autodefesa, utilizam o território australiano para fazer treino. Temos profundidade estratégica, eles não, e também colaboramos em vários fóruns multilaterais e somos ambos parceiros dos Estados Unidos. Por isso é uma grande parceria para nós e para o Japão. Não gostaria de exagerar a sua importância só porque ambos os países são relativamente pequenos em termos do equilíbrio estratégico na Ásia, mas é uma espécie de indicativo de como o Japão e a Austrália estão a olhar para uma região que ambos veem cada vez mais ameaçada e desestabilizada. Temos os EUA, que desempenham um papel muito importante, mas o trabalho que fazemos uns com os outros também é tentar lidar e gerir esse ambiente de segurança.

Sobre a influência da China na Austrália. Existem relações económicas muito estreitas, benéficas para ambos os lados, mas também existe alguma atividade menos transparente da China. Como está a Austrália a reagir a esta busca de influência política por parte da China?
A China continua a ser o nosso parceiro comercial mais importante. Essa é a parte notável. Continua a ser o nosso principal parceiro comercial bidirecional e a relação tem vindo a crescer há anos. Mas por volta de 2015, 2016, tornou-se evidente na Austrália que o governo chinês, tanto o governo diretamente com os seus serviços de segurança, bem como vários indivíduos que tinham relações diretas com cidadãos chineses ou estavam relacionados com o Partido-Estado, estava a tentar influenciar diretamente a nossa política interna. Um senador trabalhista repetiu a propaganda do Partido-Estado sobre o mar do Sul da China num evento público. Havia alguns representantes governamentais estaduais e locais de baixo escalão que recebiam dinheiro . Portanto, houve um reconhecimento cada vez maior de que a China via a política interna australiana como um lugar onde queria competir e tentar influenciar. E isso para as elites políticas australianas foi realmente uma linha vermelha que a China tinha ultrapassado, aquela sensação de que a China estava a interferir nos nossos assuntos de formas que eram, em alguns casos, bastante desajeitadas, mas que tinham claramente a intenção de interferir nos nossos assuntos internos. E é um país que alegadamente afirma pensar que a soberania é a coisa mais importante e que ninguém deve dizer a ninguém o que fazer. A China estava claramente a agir de uma forma que considerava extraterritorial e isso foi um importante catalisador para a mudança de pensamento na Austrália, afastando-se de uma avaliação mais otimista do que a China representava para o ponto onde estamos agora, que é uma visão muito pessimista sobre o que a China significa para a nossa região e para o mundo.

Timor-Leste, do ponto de vista australiano, é visto como uma nação de sucesso nestas duas décadas de independência? A antiga colónia portuguesa é hoje importante para a política externa da Austrália? Como lidam os australianos com este pequeno país junto à sua fronteira norte?
A Austrália tem uma relação complexa com Timor. Durante a Guerra Fria, quando aconteceu a primeira independência de Timor e depois a Indonésia invadiu o país, penso que a nossa atitude foi bastante ditada pela *Realpolitik*. Aceitámos a invasão decidida por Jacarta e por isso temos um passado difícil com Timor. Penso que a sensação neste momento é que a Austrália quer paz e estabilidade em todos os países pequenos da sua vizinhança, como Timor-Leste, as Ilhas Salomão, Papua-Nova Guiné, Fiji e outros. A nossa perspetiva é que queremos que se desenvolvam, que sejam estáveis, que sejam prósperos e que encontrem o seu próprio caminho. Queremos ajudá-los a fazer isso e que façam isso nos seus próprios termos, e não sejam intimidados ou comprados por outros, de qualquer tipo. A preocupação que acho que a Austrália tem com Timor é que este país tem um recurso, os hidrocarbonetos, que está a acabar. E há alguma preocupação de que possa estar maduro para a influência chinesa entrar e fornecer uma espécie de conjunto de saídas para o seu problema de desenvolvimento, mas que tal venha com um preço... um preço que a Austrália vê como elevado, e que é, basicamente, o país subordinar-se à influência chinesa. Então acho que a visão do governo australiano é, em primeiro lugar, não querer que os países sintam que estão em dívida com ninguém, quer que encontrem o seu próprio caminho, e certamente não deseja que estejam em dívida para com a China. Não queremos um posto avançado chinês tão perto da fronteira australiana.

> *"Houve um reconhecimento cada vez maior de que a China via a política interna australiana como um lugar onde queria competir e tentar influenciar a opinião. E isso para as elites políticas australianas foi realmente uma linha vermelha que a China tinha ultrapassado."*

É importante que haja algum tipo de parceria entre Portugal e a Austrália em relação a Timor-Leste, ou cada país age separadamente?
Claro, acho que há razões pelas quais a Austrália e Portugal poderiam, e provavelmente deveriam, trabalhar juntos para ajudar Timor-Leste, pois temos interesses comuns. Somos democracias liberais, interessadas no comércio. Queremos uma ordem estável baseada em regras, que a prosperidade e a soberania prevaleçam. E penso que há alguns interesses comuns em garantir que a Austrália e Portugal, bem como a Indonésia e outros países, possam trabalhar juntos para ajudar Timor a encontrar o seu caminho. E sobretudo garantir que o país não acabe por ser apenas uma espécie de peão numa competição entre potências. E então acho que, do ponto de vista de Portugal, há um legado histórico claro ali, o que vos dá algum interesse comum no que é para a Austrália parte do quintal.

Os EUA são o parceiro de segurança mais importante da Austrália. Todos falam sobre como os EUA poderiam ser diferentes dependendo da vitória de Joe Biden ou Donald Trump. Do ponto de vista australiano, a América é um parceiro em que sentem que podem sempre confiar?
Penso que a sensação na Austrália agora é que, embora uma vitória de Trump seja preocupante, no geral, a experiência após a primeira Administração dele e, provavelmente mais importante, o facto de termos relações profundas, de defesa, de *intelligence*, empresariais, culturais, dá muita estabilidade e profundidade ao relacionamento. O próprio presidente, qualquer presidente, na verdade, parece não ter uma influência significativa nas coisas até agora. Temos um défice comercial com os EUA, o que ele gosta [*risos*]. Por isso temos algo que sempre nos mantém em boa situação com Trump. Trump não está muito interessado na política externa como tal, e muito dependerá da sua equipa de política externa, de quem terá a influência sobre o presidente. Creio que, genericamente, os EUA, se Trump vencer, continuarão a fazer o que estão a fazer a nível global, mais ou menos. Se o seu foco mudar e, mais importante ainda, se o seu foco se estreitar, irá estreitar o seu foco para a nossa região. Então acho que provavelmente ficaremos bem de qualquer maneira. É a Europa que penso que provavelmente se sentirá mais preocupada, pois se nos EUA tiverem de escolher áreas nas quais se focar, se não se quiserem concentrar em tudo, então suspeito que se calhar veremos uma redução do foco na Europa, e não uma redução do foco no Indo-Pacífico. Então, sendo um pouco egoísta do ponto de vista australiano, acho que no jogo das probabilidades ficaremos bem, mas os nossos amigos na Europa podem não ter tanta sorte, infelizmente.

A Austrália tem alguma tradição de presença no Médio Oriente, desde o corpo expedicionário Anzac, na Primeira Guerra Mundial, até integrar a coligação internacional recente contra o Estado Islâmico. Este conflito entre Israel e o Hamas que dura desde o massacre de 7 de outubro tem algum tipo de repercussão na Austrália? Existe algum debate?
Há um debate surpreendentemente emocionante na Austrália, visto que fica muito longe. Temos uma comunidade judaica bem pequena. E uma pouco maior comunidade islâmica, mas com muitas heranças nacionais diferentes. Da Indonésia e da Malásia, do Médio Oriente, de África. Bastante diversificada. Mas a questão em si é bastante emocional e vemos isso nos *campus*. Os nossos estudantes estão realmente entusiasmados e são em grande parte pró-Palestina, não inteiramente, mas a maioria parece ser. Politicamente falando, penso que é um problema para a Austrália, na medida em que há um conjunto de princípios que estão em jogo: quais são as regras que regem a guerra? O que se pode fazer em resposta a um ataque terrorista? As atrocidades de outubro pelo Hamas foram terríveis, então o que se pode fazer contra isso dentro do direito internacional? Se se violar o direito internacional em resposta a esse facto, o que acontece? Mas não nos vamos envolver militarmente. Na verdade, de forma mais ampla, mesmo se esse conflito se alargasse, mesmo se o Irão fosse envolvido e o conflito se expandisse, ainda penso que a Austrália ficaria muito longe disso. Dado o nosso foco no Indo-Pacífico e a forma como realmente restringimos esse foco, as probabilidades de a Austrália estar envolvida como esteve no Iraque ou no Afeganistão, se algo lá acontecer novamente, são hoje mais baixas do que eram no passado recente.

PUBLICIDADE

avisos, tribunais e conservatórias

UBR *União de Reformados e Pensionistas da Banca*
uniaoreformados@gmail.com Tm. 969579564

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do artigo 16.º, alínea g, do Regulamento Geral Interno, convoca-se os associados a participarem na Assembleia Geral Extraordinária a realizar em 3 de julho de 2024, com início as 14 horas e 30 minutos, nas instalações da sede, na Av.ª Eng.º Arantes e Oliveira, n.º 5, s/loja D 1900-221 – Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Único; Análise da situação e futuro da associação.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Silvestre Preguiça

Lisboa, 12 de Junho de 2024

NOTA: em caso de falta de quórum, tem a mesma Assembleia Geral início 30 minutos mais tarde, ou seja, pelas 15 horas, com qualquer número de associados.

AV.ª ENG.º ARANTES E OLIVEIRA, Nº. 5, S/LOJA D 1900-221 LISBOA
EMAIL: uniaoreformados@gmail.com **TEL.: 969579564**

Administração Conjuntas das Quintas 2, 3, 4 e 5 do Pinhal das Formas

AVISO

CONVOCATÓRIA

- Nos termos do art.º 11.º, n.º 5, da Lei n.º 91/95, de 2 de setembro, com a redação introduzida pelas leis n.º 165/99, de 14 de setembro, 64/2003, de 23 de agosto, e 10/2008, de 20 de fevereiro, ficam por este meio convocados os comproprietários dos prédios rústicos descritos na Conservatória do Registo Predial de Palmela sob os n.ºs 1438/19911011; 1440/19911011; 1729/20091016; 7164/20091230 e inscrito na matriz predial da freguesia da Quinta do Anjo sob o art.º 61.º da secção A-A1 (parte) para a Assembleia Geral que se realizará no próximo dia 23 de Junho de 2024, pelas 14.30 horas, no Cineteatro São João – Palmela, com a seguinte ordem de trabalhos:

Período antes da ordem de trabalhos

ORDEM DE TRABALHOS

1 - Informações.
2 - Apresentação, discussão e votação das contas anuais do exercício económico do ano de 2023 e respetivo parecer emitido pela Comissão de Fiscalização.
3 - Apresentação, discussão e aprovação do orçamento e plano de atividades para o ano de 2024.
4 - Apresentação, discussão, aprovação dos orçamentos e respetiva adjudicação de um destes, com vista à concretização do projeto técnico da rede pública de água potável a implementar em toda a área da AUGI.
5 - Apresentação, discussão e aprovação do trabalho relativo aos perfis de rua de todos os arruamentos e pedonais da AUGI, na sequência do levamento topográfico já realizado.
6 - Eleição da Comissão de Fiscalização para o ano de 2024.
7 - Verificação e discriminação dos com proprietários que têm valores em dívida referentes às comparticipações mensais por parcela de terreno, com vista a serem intentadas as respetivas ações judiciais em Tribunal pela administração.
8 - Análise e aprovação do valor das comparticipações mensais para o ano de 2024.
9 - Outros assuntos de interesse para a urbanização. Neste ponto podem ser discutidas propostas a apresentar à Assembleia Geral e desde que aprovadas por esta por maioria qualificada.

- Nos termos do art.º 11.º, n.º 6, da referida Lei das AUGI, informa-se que as peças desenhadas e escritas se encontram também disponíveis para consulta nas sedes da Administração da AUGI e na Junta de Freguesia da Quinta do Anjo.

- Se à hora marcada não se encontrar presente o número legal de proprietários/comproprietários, a Assembleia Geral reunirá em segunda convocatória, no mesmo local, com qualquer número de proprietários/comproprietários presentes, no mesmo local, pelas 15 horas, nos termos do disposto no art.º 1432.º do Código Civil, "ex vi" art.º 12.º da Lei das AUGI.

NOTA:

- Os comproprietários devem comparecer munidos do seu Cartão de Cidadão ou outro documento que os identifique.
- Só serão admitidos procuradores em representação de comproprietários, desde que a procuração esteja devidamente autenticada e reconhecida.

Pinhal das Formas, 22 de maio de 2024

O Presidente
Joaquim Vicente Lucas

GRIMALDI LINES

Week 25

West Africa Southern Express	Grande Argentina GAR0424	Grande Congo GCG0524
Antwerp	25/06	15/07
LeHavre	29/06	19/07
Leixoes	02/07	22/07
Dakar	08/07	28/07
Conakry	11/07	
Lome	15/07	03/08
Luanda	20/07	07/08
Pointe Noire	23/07	10/08
Douala	26/07	13/08

Euroaegean Northbound	Grande Detroit GDE0424	Grande Italia GIT0624
Antwerp		-
Livorno	15/06	28/06
Valencia	17/06	30/06
Tanger Med	18/06	01/07
Setúbal	20/06	02/07
Portbury	24/06	06/07
Vigo	01/07	-
Cork	25/06	07/07

Euroaegean Southbound (Euroshuttle)	Gran Bretagna GBE0424	Grande Anversa GAV0524
Cork	-	-
Antwerp	30/05	23/06
Portbury	-	26/06
Vigo	-	-
Setúbal	17/06	29/06
Goia Tauro	20/06	-
Valencia	-	01/07
Livorno	-	03/07
Civitavecchia	-	04/07

Grimaldi Portugal
info@grimaldi.pt | Lisboa: 213 216 300 - Leixões: 229 998 450 - Setúbal: 265 526 018

Comissão de Administração Conjunta da AUGI – Bairro dos Pedrógãos / NIPC 900425830

Comissão de Administração Conjunta da AUGI / Bairro dos Pedrógãos

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do artigo 11.º da Lei 91/95, de 2 de setembro, republicada pela Lei 71/21, de 4 de novembro, convoca-se todos os proprietários e comproprietários da Área Urbana de Génese Ilegal denominada "**Administração Conjunta do Bairro dos Pedrógãos**", união das freguesias da Ramada e Caneças, concelho de Odivelas, para a assembleia que terá lugar no dia **30 de junho de 2024**, pelas **9.30 horas, na "Casa da Cultura**", sito no Largo Vieira Caldas em Caneças, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º - ***Apresentação, discussão e aprovação do relatório e contas do ano de 2023;***
2.º - ***Apresentação, discussão e aprovação do Orçamento para obra***;
3.º - ***Fixação da quota comparticipação para o ano de 2024 – com base na área que cada comproprietário é detentor;***
4.º - ***Outros assuntos de interesse para o Bairro – contrato de empreitada e início de obra.***

Os relatórios, comprovativos originais e extratos de conta que serviram de base ao relatório e contas do ano de 2023 podem ser consultados na sede da comissão de administração a requerimento de qualquer interessado.

Aqueles que não possam estar presentes, **devem fazer-se representar por meio de procuração, que para os devidos efeitos se anexa à presente comunicação.**

Se à hora marcada se não se encontrarem presentes ou representados o número de proprietários e comproprietários suficientes para validamente deliberar, desde já fica marcada segunda assembleia para as **10 horas do mesmo dia e no mesmo local**, nos termos do artigo 1432.º, n.º 4, do C.C., deliberando assim com qualquer número de comproprietários presentes.

O Presidente da Administração Conjunta da AUGI
Custódio Gonçalves

Administração Conjunta da AUGI do Bairro do Contador
NIPC: 901 737 062

COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO CONJUNTA DA AUGI BAIRRO DO CONTADOR

FREGUESIA E CONCELHO DE LOURES

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do artigo 11.º da Lei 91/95, de 2 de setembro, republicada pela Lei 71/21 de 4 de novembro, convoca-se todos os proprietários e comproprietários da Área Urbana de Génese Ilegal denominada "**Bairro do Contador**", freguesia e concelho de Loures, para a assembleia que terá lugar no dia **29 de junho de 2024**, pelas **9.30 horas, no Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte**, sito na Estrada Nacional n.º 8, Parque Adão Barata, Loures, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º - Informações;
2.º - Apresentação, discussão e aprovação dos relatórios e contas do ano de 2023;
3.º - Apresentação, discussão, aprovação e adjudicação do Orçamento para obra;
4.º - Eleição da Comissão de Administração;
5.º - Eleição da Comissão de Fiscalização;
6.º - Fixação da quota-comparticipação para o ano de 2024;
7.º - Outros assuntos de interesse para o Bairro.

As listas destinadas a compor as Comissões e Administração e de Fiscalização devem ser entregues à Mesa até ao início da Assembleia Geral.
Caso pretenda ter acesso ao orçamento detalhado, pode requerer à Comissão de Administração uma cópia para o endereço de e-mail **augi.contador@gmail.com**.
Se à hora marcada se não se encontrarem presentes ou representados o número de proprietários e comproprietários suficientes para validamente deliberar, desde já fica marcada segunda assembleia, para as 10 horas do mesmo dia e no mesmo local, nos termos do artigo 1432.º, n.º 4, do C.C., deliberando assim com qualquer número de comproprietários presentes.

O Presidente da Comissão
Carlos Vaz

---

emprego

SESARAM EPERAM
Serviço de Saúde da RAM EPERAM

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

AVISO (Extrato)

Procedimento concursal comum de recrutamento urgente para preenchimento de 1 (um) posto de trabalho na categoria de assistente da carreira médica, na área hospitalar – especialidade em Nefrologia

Faz-se público que se encontra aberto o seguinte procedimento concursal comum, de recrutamento urgente, para constituição de relação jurídica de emprego privado sem termo, cujo contrato será celebrado nos termos do Código do Trabalho e demais legislação laboral privada aplicável:

1 - Entidade contratante: Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira, EPERAM;
2 - Número e Caraterização dos postos de trabalho a ocupar: 1 (um) posto de trabalho para a categoria de assistente da carreira médica, da área hospitalar – especialidade em Nefrologia, cujo conteúdo funcional corresponde ao estabelecido no n.º 1 da cláusula 11.ª do Acordo de Empresa publicado no JORAM, n.º 14, III.ª série, de 21 de julho de 2023, e no n.º 1 do artigo 7.º-A do DL n.º 176/2009, de 4 de agosto, aditado pelo DL n.º 266-D/2012, de 31 de dezembro.
3 - Área de formação académica e/ou profissional exigida: licenciatura ou mestrado integrado em Medicina e grau de especialista em Nefrologia, bem como ter inscrição na Ordem dos Médicos e ter a situação perante a mesma devidamente regularizada;
4 - Prazo de candidatura: A candidatura deverá ser efetuada por correio eletrónico, com recurso à aplicação WeTransfer para envio dos documentos de candidatura, os quais deverão respeitar o formato PDF, no prazo de 5 (cinco) dias úteis contados da publicação do presente aviso na 2.ª Série do *Diário da República*, para o seguinte endereço de correio eletrónico: **recrutamento.rh@sesaram.pt**;
5 - Em situações de igualdade de valoração aplicam-se os critérios de ordenação preferencial previstos na cláusula 24.ª do Anexo II do Acordo de Empresa supra-identificado;
   5.1 - Atento o disposto na Lei n.º 4/2019, de 10 de janeiro, o candidato com deficiência com um grau de incapacidade igual ou superior a 60%, devidamente comprovada, tem preferência em caso de igualdade de classificação, não se aplicando os critérios de ordenação preferencial referidos no ponto 16. do aviso integral;
6 - Publicação Integral: O Aviso Integral encontra-se publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 114, de 14 de junho de 2024, como Aviso n.º 14/2024/M/2 e disponibilizado na página eletrónica do SESARAM, EPERAM, em **https://www.sesaram.pt/portal/o-sesaram/outras-informacoes-sesaram/oportunidades-emprego**.

14 de junho de 2024

O Presidente do Conselho de Administração
Herberto Rúben Câmara Teixeira de Jesus

EPA/MOHAMMED BADRA

"Será a extrema-direita ou seremos nós", garante a oposição de esquerda unida na Frente Popular.

Esquerda unida e uma reunião de família na extrema-direita francesa

ELEIÇÕES Travar Macron e evitar que o Rassemblement National chegue ao poder são prioridades da nova Frente Popular.

"Rutura total com as políticas de Emmanuel Macron" foi a principal promessa apresentada pela esquerda francesa quando ontem apresentou o "programa de governo da Nova Frente Popular". Com esta união, a oposição à esquerda do partido do presidente pretende também frustrar uma vitória da extrema-direita nas eleições legislativas antecipadas convocadas por Macron após a vitória esmagadora do Rassemblement National (RN, antiga Frente Nacional) nas europeias de dia 9. "Será a extrema-direita ou seremos nós", afirmou a ambientalista Marine Tondelier.

Socialistas, ambientalistas, comunistas e A França Insubmissa (LFI, esquerda radical) chegaram ao pacto final na noite de quinta-feira para concorrer juntos, com outros pequenos partidos como o Praça Pública, liderado pela nova estrela Raphaël Glucksmann, cabeça de lista dos socialistas nas europeias que ficou em terceiro lugar, mas a meio ponto percentual da coligação de centristas e liberais que incluía o partido de Macron.

O novo programa de 100 medidas da esquerda compromete-se a aumentar o salário mínimo, a revogar as controversas reformas das pensões e migratória do presidente centrista, denuncia a "guerra de agressão" da Rússia na Ucrânia e os "massacres terroristas" do Hamas em Israel, entre outros.

Chegar a um acordo não parecia fácil, principalmente quando a última coligação nas legislativas de 2022, chamada Nupes, acabou por se desfazer devido a divergências entre os socialistas e a ala mais radical, chefiada pelo líder da LFI, Jean-Luc Mélenchon.

Mas o medo de ver o partido RN, presidido por Jordan Bardella, mas que continua a ter Marine Le Pen como figura tutelar, chegar ao poder forçou-os a superar as diferenças, apesar da pressão do partido no poder, que criticou o acordo dos socialistas com o LFI, um partido que Macron descreveu como "antissemita" e "antiparlamentar".

"A única coisa que me importa é que o RN não ganhe as legislativas e não governe este país", disse Glucksmann à rádio France Inter. Para ele, a "única forma" de consegui-lo é "uma união da esquerda" nas eleições de 30 de junho e 7 de julho.

A coligação assume o nome de outra aliança formada em 1936, cuja vitória nas eleições levou o socialista Léon Blum a liderar o governo francês num contexto, na Europa, de ascensão do nazismo.

Tia e sobrinha juntas de novo

Na direita tradicional, a decisão de Éric Ciotti, líder de Os Republicanos, de se aliar ao RN nas legislativas gerou uma verdadeira revolta e a sua expulsão da liderança (de que ele recorreu na justiça). Apesar disso, Bardella, que o RN apresenta como candidato a primeiro-ministro, anunciou ontem que o seu partido e Os Republicanos apresentarão candidaturas conjuntas em 70 circunscrições.

Na extrema-direita a hora é de reunião familiar. Depois de anos afastada do partido da tia, Marion Maréchal reaproximou-se do RN, dando todo o seu apoio para as legislativas, depois de ter sido afastada por Éric Zemmour, o líder do Reconquista!, do qual fora cabeça de lista nas europeias. Aos 34 anos, Marion tem sido protagonista de uma relação difícil com Marine le Pen, que ela própria sempre teve uma relação difícil com o pai, Jean-Marie Le Pen, fundador da Frente Nacional e ele próprio várias vezes candidato às presidenciais, tendo passado à segunda volta em 2002, um feito que a filha já conseguiu duas vezes.

Opinião
Omar Mih

Desinformação *boomerang*

Li o artigo do Sr. Raul M. Braga Pires intitulado "A 'transumância Wagner' do Sahel ao Norte de África!", publicado no dia 7 de junho de 2024. Neste artigo de opinião, o autor fala descaradamente de uma possível "adesão/colaboração entre Polisário e Grupo Wagner". Para justificar as suas afirmações, escreve que "os locais atacados em Adel Bagrou e outras regiões fronteiriças detetaram 'fardas russas a falarem' hassania, confirmando [segundo ele] os rumores que corriam de um recrutamento Wagner nos campos saharauis de Tindouf". Definitivamente, o "politólogo/arabista" apoia-se unicamente em "rumores" sobre "fardas russas a falarem hassania", que é um dialeto do árabe que se fala na Mauritânia, no Sahara Ocidental, incluindo a parte ocupada por Marrocos, e em parte do Mali.

No entanto, o que o Sr. Braga Pires não nos diz é que a origem destes "rumores" é um artigo publicado no dia 14 de maio de 2024 pelo chamado Fórum de Apoio aos Autonomistas de Tindouf (FORSATIN), que é uma entidade criada pelos serviços secretos marroquinos. Que credibilidade se espera de uma entidade cujo único objetivo é a propaganda e a desinformação?

Toda a gente sabe que Marrocos, que ocupa ilegalmente uma parte do Sahara Ocidental desde 1975, utiliza sistematicamente o seu arsenal propagandístico e beneficia de serviços pagos para desacreditar a legítima luta do povo saharaui sob a liderança da Frente Polisário. Isso mesmo ficou demonstrado com o maior escândalo de corrupção ocorrido no Parlamento Europeu, conhecido como Catargate ou Marroscosgate, que continua sob investigação da justiça belga, ao qual se juntou já este ano um outro caso relacionado com a alegada interferência ilegal de autoridades marroquinas junto de políticos belgas.

Durante a "guerra fria" Marrocos dizia que a Frente Polisário era um movimento marxista-leninista. Na década de 2000, quando a ameaça era a dos islamitas extremistas, Rabat e as suas redes começaram a difundir a ideia de que a Frente Polisário era uma extensão da Al-Qaeda. Hoje, Marrocos e os seus aliados tentam vincular a Frente Polisário aos movimentos terroristas que operam no Sahel...

Para refutar estas afirmações infundadas basta assinalar a resposta escrita (E-003923/2022) dada por Josep Borrell, alto representante da União Europeia para as Relações Externas e a Política de Segurança, no dia 17 de fevereiro de 2023, em que afirmava que a União Europeia não dispunha de informação sobre uma suposta colaboração entre a Frente Polisário e grupos terroristas na região.

A Frente Polisário é um movimento de libertação criado há mais de meio século. Os seus objetivos e a sua luta pelo direito à autodeterminação e independência do povo saharaui são conhecidos e não são os serviços secretos marroquinos que a podem redefinir ou reinventar. A Frente Polisário é reconhecida pelas Nações Unidas, assim como pelo Tribunal de Justiça da União Europeia, como o legítimo representante do povo saharaui, e o Estado que proclamou em 1976 – a República Árabe Saharaui Democrática (RASD) – é membro de pleno direito da União Africana e tem representantes diplomáticos acreditados em dezenas de países.

Os conflitos não se resolvem através do *lobbying* empresarial, do jornalismo propagandístico ou de campanhas de difamação. Resolvem-se, sim, através do respeito pelo direito internacional, da implementação das resoluções das Nações Unidas e, neste quadro, da negociação séria e credível entre as partes envolvidas.

Representante da Frente Polisário em Portugal.

EYAD BABA / AFP

Destino de 116 reféns ainda nas mãos dos palestinianos é incerto.

Hamas diz não saber quantos reféns levados no ataque de 7 de outubro estão vivos

GAZA Dirigente do grupo palestiniano negou ainda que os sequestrados tenham sido alvo de maus-tratos em cativeiro.

Apesar de o destino dos 120 reféns levados pelo Hamas no ataque de 7 de outubro contra Israel, que resultou ainda em mais de 1100 mortos, ser uma das questões em cima da mesa em qualquer acordo de cessar-fogo entre Israel e o grupo terrorista palestiniano, um alto responsável do Hamas admitiu em entrevista à CNN que "ninguém faz ideia" quantos dos 116 (dos iniciais 251) que ainda se encontram na Faixa de Gaza estão vivos.

Ouvido pela estação de televisão norte-americana, Osama Hamdan negou ainda que os quatro reféns libertados na semana passada numa operação das forças armadas israelitas tenham sofrido maus-tratos durante os oito meses que passaram em cativeiro às mãos dos militantes dos Hamas. "Se têm problemas mentais, é por causa do que Israel tem feito em Gaza", garantiu Hamdan a partir de Beirute, no Líbano. Segundo um médico que tratou os quatro reféns israelitas libertados, estes terão sido "espancados quase todos os dias" e sofriam de desnutrição severa.

Desde 7 de outubro, a operação das forças israelitas contra Gaza já fez mais de 37 mil mortos e 85 mil feridos, segundo números do Ministério da Saúde do Hamas, na maioria mulheres, crianças e idosos. O conflito causou também quase dois milhões de deslocados, mergulhando o enclave palestiniano sobrepovoado e pobre numa grave crise humanitária, com mais de 1,1 milhões de pessoas numa "situação de fome catastrófica".

O futuro dos reféns ainda nas mãos dos militantes palestinianos é uma das questões centrais em quaisquer negociações que visem pôr fim ao conflito. No terreno, helicópteros israelitas voltaram ontem a atacar Rafah, no Sul da Faixa de Gaza, com os militantes do Hamas a envolverem-se em combates de rua com as tropas israelitas . Enquanto isso, o presidente dos EUA, Joe Biden, culpou o Hamas pelo adiamento da trégua, acusando o grupo islamita de ser "o maior obstáculo" a nova trégua. O plano de Biden para a primeira trégua desde uma semana de pausa em novembro inclui um cessar-fogo de seis semanas, uma troca de prisioneiros e a reconstrução de Gaza.

Na fronteira norte de Israel a tensão também continua a subir, com os ataques do grupo xiita Hezbollah, apoiado pelo Irão e aliado do Hamas, a multiplicarem-se contra posições militares israelitas.

Partido de Netanyahu a subir nas sondagens

Depois da saída de Benny Gantz do governo de emergência devido a desacordos com Benjamin Netanyahu sobre o rumo do conflito em Gaza, as últimas sondagens mostram o Likud, o partido de direita do primeiro-ministro, a subir e a encurtar a diferença para o Unidade Nacional, a formação centrista liderada pelo ex-ministro.

Ambas as sondagens – uma para o diário de esquerda *Ma'ariv* e outra para o de direita *Israel Hayom* – revelam que a maioria dos inquiridos gostariam de ver Gantz como primeiro-ministro, a uma curta distância de Netanyahu. Antigo ministro da Defesa, o general Gantz juntou-se em novembro ao governo de emergência criado por Netanyahu depois do ataque do Hamas contra Israel. O atual primeiro-ministro, criticado pelas falhas de segurança, tem recusado convocar eleições antecipadas.

Opinião
Naoufel Hdia

Imigração irregular; abordagem multidisciplinar: uma necessidade, não uma escolha

A Tunísia considera que a questão da migração irregular exige o tratamento das causas profundas do fenómeno para responder de maneira abrangente e com uma abordagem multidimensional.

É imperativo adotar soluções sociais (educação, saúde, trabalho, etc.) e económicas (criação de projetos nas zonas de origem dos fluxos migratórios) envolvendo diversos atores das duas margens do Mediterrâneo, bem como os países de trânsito e de origem.

Confrontada diariamente há vários anos com a gestão das tentativas de travessias massivas e repetitivas no mar, a Tunísia enfrenta constrangimentos humanos, materiais e financeiros. Apesar disso, não poupamos esforços para fornecer respostas adequadas e em conformidade com a nossa legislação nacional e as nossas obrigações segundo o direito internacional humanitário. A título de ilustração, as estatísticas registadas entre 1 de janeiro e 30 de abril de 2024 testemunham os nossos esforços para combater este flagelo:

Operações de travessia marítima frustradas:
751 operações;
21.545 pessoas impedidas, resgatadas e salvas no mar.

Operações de travessia terrestre frustradas:
1967 operações;
21.462 pessoas impedidas de se infiltrarem em direção ao território tunisino.

Pessoas envolvidas na organização das operações de travessia das fronteiras terrestres e marítimas:
529 organizadores e intermediários presos, além de 261 indivíduos procurados.

Corpos humanos recuperados:
291 corpos recuperados.

Relativamente às alegações tendenciosas sobre a expulsão de migrantes de origem subsariana para zonas desérticas, é crucial lembrar que estas só comprometem os seus autores. A Tunísia, o primeiro país árabe e muçulmano a abolir a escravatura, em 1846, muito antes de muitos países ocidentais, dotada de uma legislação em harmonia com os seus compromissos internacionais, recusa-se a pôr em risco vidas humanas ou a explorar a vulnerabilidade de pessoas que fogem de riscos políticos, climáticos e económicos, em parte causados pelos países ocidentais.

É importante notar que o regresso de um número de migrantes irregulares insere-se exclusivamente no contexto do regresso voluntário aos países de origem e após solicitação deliberadamente formulada junto da Organização Internacional para as Migrações (OIM) e das representações ou missões diplomáticas dos seus respetivos países.

> "Recusamos categoricamente estabelecer plataformas de desembarque para os migrantes irregulares e os requerentes de asilo no nosso território e ser o guardião das fronteiras de outros países que não as nossas.

Como Estado soberano, a Tunísia defende relações de parceria equitativas e **rejeita os ditames estrangeiros.**

Recusamos categoricamente estabelecer plataformas de desembarque para os migrantes irregulares e os requerentes de asilo no nosso território e ser o guardião das fronteiras de outros países que não as nossas, respeitando, ao mesmo tempo, os nossos compromissos baseados no respeito pelos direitos humanos.

Colaboramos com os nossos parceiros para combater os entendimentos criminais que facilitam os movimentos transfronteiriços irregulares, abusando da precariedade e do sofrimento dos migrantes. É nesse espírito que iniciámos com a Itália a Conferência Internacional sobre o Desenvolvimento e a Migração, realizada em Roma em julho de 2023, e que a Tunísia acolherá a segunda reunião, e contribuímos ativamente para os processos de Cartum e de Rabat no que diz respeito ao reforço das capacidades de gestão integrada da migração.

Além disso, trabalhamos constantemente para consolidar as nossas capacidades de controlo das nossas fronteiras através da aquisição de equipamentos e de veículos destinados exclusivamente a desmantelar as redes de passadores e de traficantes de migrantes, e nunca serviram objetivos de natureza duvidosa.

A Tunísia mantém-se firme nas suas posições e determinada a defender a sua soberania e a integridade do seu território, ao mesmo tempo que respeita as suas obrigações internacionais.

Embaixador da Tunísia.

Opinião
Marco Serronha

A vitória da Ucrânia: condições e problemas estratégicos para se atingir a paz aceitável – 2

No artigo de opinião de 1 de junho passado abordámos a necessidade de uma estratégia que permita à Ucrânia (com o apoio de parceiros e aliados) fazer face a uma guerra de longa duração, a única opção que, a nosso ver, permitirá à Ucrânia derrotar a Rússia. E derrotar a Rússia significa a Ucrânia conseguir aquilo que aquela, com esta invasão ilegal à luz do direito internacional, a tem tentado impedir de atingir: de ser um Estado soberano com as fronteiras estabelecidas em 1991 e de estar integrada nas arquiteturas políticas, económicas e de segurança euro-atlânticas, como é seu desejo, nomeadamente a União Europeia (UE) e a Aliança Atlântica (OTAN).

Consubstanciar esta estratégia, que terá de ser da Ucrânia e dos seus aliados e parceiros, exige soluções para um conjunto de problemas estratégicos, sem as quais o sucesso da estratégia poderá estar em causa. Como já referido, esta será uma estratégia de longa duração, que visa não só apoiar a Ucrânia a ter sucesso nesta guerra, mas também a conter a Rússia nas suas ambições expansionistas na área euro-atlântica e noutros lugares, onde procure pôr em causa a ordem liberal democrática fundada em regras e no direito internacional.

No artigo anterior foram listados seis problemas estratégicos que exigem soluções atempadas e robustas, e que são: integrar a Ucrânia no sistema económico europeu e nos mecanismos de segurança trans-atlântica; desmantelar/degradar a capacidade de a Rússia aceder a recursos, em especial financeiros, e ultrapassar o regime de sanções; degradar e combater a capacidade russa de produzir desinformação; reformular a capacidade industrial de defesa dos países democráticos; apoiar a economia ucraniana e fortalecer a sua democracia, e apoiar a Ucrânia a realinhar a sua estratégia militar em consonância com a visão de uma guerra de longa duração. Todos eles são fundamentais e terão de ir sendo resolvidos, de forma alinhada. Há que ter a noção de que a estratégia é uma disciplina de meios complementar à política, que é uma disciplina de fins. Ou seja, a política define os objetivos a atingir e a estratégia cria as condições (através de capacidades e ações) para atingir esses fins perante a ação, real ou potencial, de uma ameaça. Para isso tem de resolver um conjunto de problemas em linha com os objetivos a atingir.

A integração da Ucrânia nos mecanismos económicos, políticos e de segurança europeia é um elemento fundamental para a sua sobrevivência soberana e para o seu desenvolvimento. Mas é também fundamental para a segurança e futuro político da Europa integrar os Estados europeus, os que o queiram, naturalmente. Estes processos de adesão terão de ser agilizados, cumprindo as regras mínimas, mas não deixando os países num limbo que dá má imagem da União Europeia. Tem acontecido com os Balcãs e, claro, aconteceu com a Turquia, talvez irreversivelmente para esta última. A sinalização efetiva, e de forma biunívoca, da adesão, com passos concretos e rápidos, é fundamental. E a Europa não tem de ter medo nem de prometer a integração rápida da Ucrânia, nem medo do que a Rússia possa pensar sobre isso. No fim resultará uma Europa mais forte e mais segura. A integração na Aliança Atlântica, mais sensível enquanto durar a guerra, deverá ser compensada com acordos bilaterais e multilaterais de defesa, que deem as garantias de segurança prometidas nos Acordos de Budapeste de 1994.

A adoção de medidas mais efetivas para evitar, pela Rússia, o acesso fácil e fluido a recursos vários (financeiros e outros), nomeadamente a ultrapassagem dos mecanismos de sanções, é fundamental para encurtar a duração da guerra. O acesso a recursos financeiros e a equipamentos de alta tecnologia contribui não só para prolongar a guerra, mas também para dotar a Rússia de armamentos sofisticados e precisos que lhe permitem continuar a sua política territorial expansionista. Claro que grande parte desta fuga é feita através de empresas ocidentais e de países terceiros, e mesmo aliados, que continuam a manter relações comerciais com a Rússia nestas áreas.

A capacidade russa de manter uma guerra comunicacional baseada na desinformação constante, tendo como objetivo criar o medo e construir perceções favoráveis às suas causas nos países europeus e outros, tem tido sucesso. Isto muito fruto da incapacidade do Ocidente em conduzir uma comunicação estratégica eficaz que contrarie as narrativas russas, cujo principal objetivo é condicionar pelo medo as opiniões públicas ocidentais e, subsequentemente, condicionar, em seu favor, os decisores políticos europeus e norte-americanos. Um exemplo disso tem sido a constante ameaça de uso de armas nucleares e a sua influência (medo/receio) na entrega e uso de equipamentos militares sofisticados pela Ucrânia, nomeadamente no território russo. A mitigação desta capacidade da Rússia é um elemento fundamental para o sucesso da estratégia da sua contenção.

As indústrias de defesa dos países ocidentais e das democracias de outras latitudes têm de se capacitar melhor para não só se defenderem, mas também para dissuadirem as ambições expansionistas das autocracias, onde a Rússia de Putin se encontra à cabeça. Isto exige, como todos sabemos, investimentos avultados na economia de defesa, mas que deverá ser feita de forma articulada, dentro da UE, dento da OTAN e com parceiros de outras regiões. Esta é uma das maiores vulnerabilidades para a estratégia de que falámos. Têm estado a ser dados passos, mas é necessário acelerar o ritmo, pois as capacidades militares não são produzidas de um dia para o outro. A Rússia conseguiu desenvolver a sua indústria de defesa e produz hoje mais do que toda a Europa junta.

> **O principal centro de gravidade estratégico da Ucrânia deverá ser afetar o moral das tropas russas e o apoio da sua população. É assim que todas as grandes potências têm perdido muitas guerras.**

É necessário também apoiar a economia ucraniana de modo que o seu governo consiga exercer a sua soberania e fornecer os apoios e serviços para as necessidades básicas da sua população. Embora o apoio militar seja fundamental, apoiar a economia também o é. O apoio militar, em especial a defesa aérea eficaz, é fundamental para a manutenção das infraestruturas industriais, de transportes e de energia, sem as quais a economia não funciona em condições mínimas. E com economia fraca é muito mais difícil a implementação de uma democracia baseada no Estado de direito, de diminuir a corrupção, criando-se instabilidade política interna, o que favorece os desideratos da Rússia.

E, por fim, alinhar uma nova estratégia militar que permita à Ucrânia fazer face a uma guerra de longa duração. E aqui a Ucrânia terá de ser apoiada, para compensar a sua dificuldade com recursos humanos, com equipamentos militares de alta tecnologia e sem restrições de emprego sobre alvos militares russos. Sabemos que uma vitória militar pura da Ucrânia no campo de batalha não será nada fácil. Por isso o principal centro de gravidade estratégico da Ucrânia deverá ser afetar o moral das tropas russas e o apoio da sua população. É assim que todas as grandes potências têm perdido muitas guerras. É preciso ter sempre presente a finalidade da guerra, segundo Clausewitz: destruir o inimigo ou a sua vontade de combater. A segunda parte da frase é o mais importante e, muito provavelmente, o mais fácil de conseguir.

Tudo isto deverá ser o fundamental das conversas (e decisões) nas comemorações dos 80 anos do desembarque na Normandia na Cimeira do G7, em Itália, e na Cimeira da Paz deste fim de semana, na Suíça. O relógio da guerra não pára.

Tenente-general.

Europeu sem fronteiras. Há estrelas que escolheram a seleção para brilhar

MULTICULTURALISMO Laços familiares, tempo de casa e até "recrutados" noutros continentes: conheça alguns casos de jogadores que dividem o coração e a camisola entre duas nações. Ao todo, são 82 futebolistas naturalizados e, além destes, são ainda mais os que têm dupla nacionalidade. Em comum têm o amor pelo futebol e o talento.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

Basileia, 11 de junho de 2008: a partida entre Suíça e Turquia valia vida ou morte para os suíços, donos da casa naquela edição do Europeu realizada em conjunto com a Áustria e vencida de forma inédita por Espanha. Aos 31 minutos, o avançado Hakan Yakin abriu o marcador para a Suíça. Nascido em Basileia, Yakin, filho de emigrantes turcos, não esboçou qualquer reação de euforia. Dias antes, no mesmo torneio, o alemão Lukas Podolski ao inaugurar o marcador frente à Polónia, país onde nasceu, também não havia festejado.

A cena, que se tornou habitual em encontros de jogadores frente aos seus anteriores clubes e tem a sua história no principal torneio de seleções da UEFA, pode ser ainda mais comum nesta edição do Europeu. Serão 82 jogadores naturalizados, ou seja, que nasceram num país diferente da seleção que representam, além da presença de centenas de jogadores com dupla nacionalidade, que, por diferentes fatores, escolheram determinada camisola para defender.

Jogadores naturalizados ou de diferentes origens a atuar por seleções europeias é algo comum desde a realização dos primeiros grandes torneios de seleções, como as Olimpíadas ou o Mundial de 1930. A partir dos anos 90, no entanto, tornou-se uma característica cada vez mais comum: um reflexo do fenómeno da imigração na Europa e das suas transformações étnicas e culturais no continente traduzidas no futebol.

Hakan Çalhanoglu, um dos principais nomes da seleção turca, fez o caminho contrário do traçado por Yakin no início do século XX. Nascido em Mannheim, na Alemanha, a estrela do Inter Milão optou por defender a seleção da Turquia, país do qual os seus pais haviam emigrado e do qual se sentia culturalmente representado. Turquia e Alemanha são duas das seleções mais conectadas entre si no torneio, consequência do impacto da imigração turca na Alemanha: aproximadamente sete milhões de turcos vivem no país. No futebol, a saída vai para ambos os lados, mas cada vez mais jogadores de origem turca, tal como Çalhanoglu, preferem defender a seleção dos seus progenitores do que a do país onde nasceram. No Euro 2024, Ilkay Gündogan, médio do Barcelona, é o único de origem turca, mas nascido na cidade alemã de Gelsenkirchen, nos selecionados de Julian Nagelsmann. Por outro lado, a Turquia, além de Çalhanoglu, conta com mais sete atletas nascidos noutros países entre os convocados, sendo quatro deles nascidos na Alemanha: Kaan Ayhan, Salih Özcan, Cenk Tosun e Kenan Yildiz. Ferdi Kadioglu e o benfiquista Orkun Kökçü, nascidos nos Países Baixos, e Mert Müldür, nascido na Áustria, são os outros atletas que poderiam estar em outras seleções

> Serão 82 jogadores naturalizados, além da presença de centenas de atletas com dupla nacionalidade, no torneio.

MATEO RETEGUI
ITÁLIA
25 anos

LOÏC NÉGO
HUNGRIA
33 anos

HAKAN ÇALHANOGLU
TURQUIA
30 anos

mas fazem parte do plantel do italiano Vincenzo Montella, selecionador da Turquia.

A discussão entre a presença de jogadores de origem turca numa seleção ou outra gerou maior discussão quando Turquia e Alemanha se enfrentaram nas meias-finais do Europeu de 2008. O fenómeno de jogadores nascidos na Alemanha na seleção turca já era uma realidade e mereceu reportagem especial do portal alemão Deutsche Welle na véspera daquela partida, que acabou por ser vencida pela Alemanha (3 - 2). A falta de integração e o preconceito com a comunidade turca na Alemanha foram apontados, na altura, como os principais motivos pelos quais a maioria dos jogadores preferiram jogar pela Turquia.

Retegui recrutado por Itália

Mateo Retegui pertencia ao Boca Juniors e foi emprestado ao Tigres, clube pelo qual se tornou o melhor marcador do Campeonato Argentino na temporada de 2022/23. Jovem, goleador e com características valiosas, como a força e a velocidade, era natural que chamasse a atenção dos grandes clubes do futebol europeu. Chamou, mas não só. Neto de imigrantes italianos, Retegui possui cidadania italiana e, desta forma, foi chamado por Roberto Mancini para jogar na seleção *azzurra*. Antes da chamada, o avançado havia representado a seleção da Argentina nas categorias de sub-17 e sub-19 e chegou mesmo a disputar os Jogos Pan-Americanos de 2018 pelo país onde nasceu. Com a concorrência de Lautaro Martínez e Julian Álvarez na seleção principal de Lionel Scaloni, Retegui foi convencido por Mancini a integrar a seleção principal de Itália, que sofre com a escassez de avançados.

Em março de 2023 foi oficialmente convocado pela Itália e, uma semana depois, estreou-se a marcar pela sua "nova" seleção na derrota por 2-1, em Nápoles, frente a Inglaterra, em jogo de apuramento para o Euro 2024. O recrutamento de Retegui por parte da federação italiana pode marcar uma nova tendência na Europa, pois outras poderão "fisgar" talentos de outros continentes que tenham ascendência europeia. A prática já é comum entre clubes, que buscam futebolistas com passaporte europeu na América Latina, para que não ocupem vagas de extracomunitários.

Após a internacionalização pela Itália, Retegui transferiu-se para o Génova, onde marcou nove golos na época de 2023/24.

Não são só as origens de família que definem o destino de alguns dos naturalizados ou com dupla nacionalidade. Assim como Pepe e Matheus Nunes (Brasil) na seleção nacional, o francês Loïc Négo defende as cores da Hungria. Nascido em Paris, o lateral direito chegou a Budapeste em 2013 e, após um ano em Inglaterra ao serviço do Charlton Athletic, regressou ao país do Leste europeu para defender o Fehérvár.

Em 2019 completou o processo de naturalização e passou a defender a seleção húngara. Teve um grande momento na qualificação para o Euro 2020 ao marcar o golo salvador frente à Islândia, que apurou os húngaros para a fase final. Mesmo com papel de destaque na equipa de Marco Rossi, a presença de Loïc Négo na seleção gera polémica na Hungria. Num país em que o primeiro-ministro, Viktor Orbán, vê o discurso anti-imigração como uma "questão cultural", Négo enfrenta resistência, especialmente por ser o único jogador negro da seleção. Em partida da Liga das Nações, realizada contra Inglaterra em 2022, Négo testemunhou as vaias dos adeptos húngaros presentes no estádio quando os jogadores da seleção inglesa se ajoelharam num gesto antirracista. O franco-húngaro, que já havia feito o gesto, não se arriscou a repeti-lo.

nuno.tibirica@dn.pt

França e Albânia em destaque

Dos 26 jogadores chamados por Didier Deschamps à seleção francesa apenas quatro – Adrien Rabiot, Benjamin Pavard, Jonathan Clauss e Warren Zaïre-Emery – não possuem dupla cidadania. Kylian Mbappé, a estrela dos gauleses, podia, inclusive, jogar por três seleções, pois o novo reforço do Real Madrid nasceu em França, tem pai camaronês e a mãe é de origem argelina.
A multiculturalidade da seleção francesa não é propriamente uma novidade na atual edição do Europeu e já gerou muita polémica no país. Zinedine Zidane, um dos maiores nomes da história do futebol daquele país, foi perseguido durante a sua carreira, assim como outros jogadores de origem árabe ou africana, na seleção. A história de racismo na equipa nacional francesa é debatida no documentário *Bleus – Uma Outra História da França*, de 2016. No caso dos jogadores naturalizados, a Albânia lidera. São 19 atletas nascidos em outros países na seleção liderada pelo treinador brasileiro Sylvinho. Das 24 seleções do Europeu, Áustria, Dinamarca, Países Baixos e República Checa são as únicas que, embora contem com atletas com dupla cidadania, não possuem naturalizados.

Multidão invade o treino no dia do "brutal" Vitinha

SELEÇÃO Oito mil pessoas nas bancadas para ver CR7 e companhia, com invasões do relvado à mistura. Vitinha admitiu estar ansioso.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

A seleção nacional teve ontem o primeiro dia de trabalho na Alemanha que culminou com um treino aberto no Heidewaldstadion, em Gütersloh, onde marcaram presença de mais de oito mil pessoas, que três horas antes do início da sessão já faziam fila para entrar no recinto.

Depois da polémica dos convites para a sessão de treino distribuídos pela autarquia de Gütersloh, com alguns a serem vendidos na internet por 1000 euros, a Federação Portuguesa de Futebol optou por entregar em mão cerca de 1600 ingressos de forma a evitar mais polémicas.

Apesar da grande afluência, acabou por correr quase tudo sem problemas. Isto porque a loucura em torno da equipa das quinas, sobretudo de Cristiano Ronaldo, levou algumas pessoas a invadirem o relvado durante a sessão, sendo que no final o guarda-redes José Sá fez mesmo uma autêntica placagem a um dos *invasores*.

No relvado estiveram os 26 jogadores convocados pelo selecionador Roberto Martínez, sendo um deles Vitinha, que de manhã tinha estado na sala de imprensa a admitir que as "expectativas da seleção estão altas" para este Europeu, embora tenha lembrado que as grandes equipas têm de provar o seu favoritismo "em campo e não em teoria".

"É preciso gerir bem as expectativas. Não devemos começar a pensar demasiado no futuro, mas sim no próximo jogo. É assim que devemos levar esta competição. É certo que temos muita qualidade e quantidade, que não acontece muitas vezes", afirmou o médio do Paris Saint-Germain, destacando que "será importante para marcar verdadeiramente a presença e demonstrar o quanto a equipa quer ganhar", pelo que nesse sentido "o primeiro jogo é sempre importante".

Naquela que será a sua estreia na fase final de um Campeonato da Europa, Vitinha reconheceu ter realizado "uma época brutal" no PSG, quer "a nível pessoal", quer "a nível coletivo". "Sinto-me motivado, preparado, mas também sinto a ansiedade de poder começar a ver a bola a correr e participar no meu primeiro Europeu", acrescentou o médio que fez parte do melhor onze da última edição da Liga dos Campeões.

Tendo em conta que foi dos jogadores mais utilizados nos três jogos de preparação realizados em Portugal, antes da partida para a Alemanha, Vitinha não se deixa iludir, pois está consciente que a concorrência na equipa das quinas é muito forte. "Qualquer jogo que não jogar, vou ficar triste e desiludido, mas temos de engolir as nossas mágoas e desilusões... espero que não seja esse o caso", adiantou, garantindo que se sente "importante neste momento" da equipa nacional.

Dois detidos no hotel

As primeiras horas da seleção nacional no centro desportivo do hotel de Marienfeld foram um pouco atribuladas. É que, de acordo com as autoridades locais, dois adeptos de 21 anos foram detidos na noite de quinta-feira por terem invadido o quartel-general da equipa das quinas.

A polícia de Gütersloh revelou em comunicado que o incidente registou-se às 21.40 (hora de Lisboa), quando os dois jovens entraram no hotel e dirigiram-se para a zona reservada à seleção. Agora, ambos vão responder por invasão de propriedade privada.

carlos.nogueira@dn.pt

MIGUEL A. LOPES/LUSA

José Sá fez uma placagem a um dos adeptos que invadiu o relvado onde a seleção treinou.

Cão decreta final ibérica

O cão Steph Furry, um Corgi com mais de 200 mil seguidores no Instagram, previu os resultados do Euro2024 a partir dos quartos-de-final e decretou uma final ibérica, com Portugal, depois de eliminar França e Escócia, a perder com Espanha.

Artur Soares Dias apita o Polónia-Países Baixos

Artur Soares Dias foi nomeado para arbitrar o jogo de amanhã entre a Polónia e os Países Baixos, da 1.ª jornada do grupo D do Euro 2024, com início marcado para as 14.00 horas, no Volksparstadion, em Hamburgo. Na estreia, o juiz portuense terá como assistentes Paulo Soares e Pedro Ribeiro, enquanto Tiago Martins será o VAR. Este será o terceiro jogo de Soares Dias numa fase final de um Europeu, depois de ter dirigido duas partidas em 2020.

Troféu Henry Delaunay, que ontem entrou em campo nas mãos de Heidi Beckenbauer, viúva de Franz Beckenbauer.

EPA/FRIEDEMANN VOGEL

Da homenagem ao Kaiser à goleada da Alemanha

ABERTURA Triunfo sem contestação dos anfitriões sobre a Escócia (5-1). Cerimónia de abertura evocou ex-campeões e Franz Beckenbauer.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

A Alemanha marcou seis golos e ganhou 5-1 à Escócia e isso diz muito do domínio da seleção da casa no jogo de abertura do Euro2024. Florian Wirtz fez o primeiro golo do campeonato aos dez minuto e deu início a uma goleada festiva para os anfitriões.

Bem posicionada e sem facilitar a tarefa aos escoceses, a seleção alemã construiu um triunfo sólido. O 2-0 apareceu pouco depois por Jamal Musiala e o terceiro foi de grande penalidade a castigar uma falta feia de Ryan Porteous, que acabou expulso antes do intervalo. Chamado à marca dos 11 metros Kai Havertz fez o 3-0.

Wirtz foi o autor do primeiro golo da Alemanha e do Euro2024.

EPA/MARTIN DIVISEK

A Escócia tentou não estacionar o autocarro, mas acabou por se resignar ao domínio da Alemanha. No segundo tempo os escoceses quiseram chegar à baliza de Manuel Neuer, mas sem jeito ou engenho acabariam o jogo sem qualquer remate à baliza (o golo escocês resultou de um autogolo). Do outro lado, Gunn ainda sofreria mais dois. Niclas Füllkrug fez o 4-0 com um remate espectacularmente indefensável e ainda viu o árbitro invalidar-lhe um golo por fora de jogo. Já com Thomas Müller em campo (fez o jogo 130 pela Mannschaft), a Escócia teve uma ajudinha de Rüdiger para fazer o golo de honra que os adeptos fizeram por merecer nas bancadas. As contas da goleada foram fechadas por Emre Can (5-1) e a Alemanha revelou assim publicamente a intenção de ficar com o troféu Henry Delaunay, que entrou em campo nas mãos de Heidi Beckenbauer, viúva de Franz Beckenbauer, o Kaiser.

Na companhia dos dois capitães vivos das seleções alemãs campeãs da Europa, Bernard Dietz (1980) e Jürgen Klinsmann (1996), a mulher de Beckenbauer enviou um beijinho para o céu. Uma forma de recordar o campeão mundial como jogador e selecionador da Mannschaft, que morreu a 7 de janeiro.

Com muitos ilustres na tribuna, como o treinador português José Mourinho e Fernando Gomes, presidente da Federação Portuguesa de Futebol, bem como os líderes da UEFA, Aleksander Ceferin, e da FIFA, Gianni Infantino, o árbitro francês Clément Turpin deu o apito inicial no jogo de abertura da 17.ª edição do Campeonato da Europa, que terminou com o triunfo (fácil) dos da casa.

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A

Alemanha-Escócia 5-1
Hungria-Suíça (hoje, 14h00)
Escócia-Suíça (19/06, 20h00)
Alemanha-Hungria (19/06, 17h00)
Suíça-Alemanha (23/06, 20h00, RTP1)
Escócia-Hungria (23/06, 20h00)

	P	J	G
1.º Alemanha	3	1	5-1
2.º Suíça	0	0	0-0
3.º Hungria	0	0	0-0
4.º Escócia	0	1	1-5

GRUPO B

Espanha-Croácia (hoje,17h00, RTP1)
Itália-Albânia (hoje, 20h00)
Croácia-Albânia (19/06, 14h00)
Espanha-Itália (20/06, 20h00, RTP1)
Croácia-Itália (24/06, 20h00, RTP1)
Albânia-Espanha (24/06, 20h00)

	P	J	G
1.º Croácia	0	0	0-0
2.º Espanha	0	0	0-0
3.º Itália	0	0	0-0
4.º Albânia	0	0	0-0

GRUPO C

Eslovénia-Dinamarca (amanhã, 17h00)
Sérvia-Inglaterra (amanhã, 20h00, TVI)
Eslovénia-Sérvia (20/06, 14h00)
Dinamarca-Inglaterra (20/06, 17h00)
Inglaterra-Eslovénia (25/06, 20h00)
Dinamarca-Sérvia (25/06, 20h00, SIC)

	P	J	G
1.º Dinamarca	0	0	0-0
2.º Inglaterra	0	0	0-0
3.º Sérvia	0	0	0-0
4.º Eslovénia	0	0	0-0

GRUPO D

Polónia-Países Baixos (amanhã, 14h00)
Áustria-França (17/06, 20h00, RTP1)
Polónia-Áustria (21/06, 17h00)
Países Baixos-França (21/06,20h00, SIC)
Países Baixos-Áustria (25/06, 17h00)
França-Polónia (25/06, 17h00)

	P	J	G
1.º França	0	0	0-0
2.º Áustria	0	0	0-0
3.º Polónia	0	0	0-0
4.º Países Baixos	0	0	0-0

GRUPO E

Roménia-Ucrânia (17/06, 14h00)
Bélgica-Eslováquia (17/06, 17h00)
Eslováquia-Ucrânia (21/06, 14h00)
Bélgica-Roménia (22/06, 20h00)
Eslováquia-Roménia (26/06, 17h00)
Ucrânia-Bélgica (26/06, 17h00)

	P	J	G
1.º Eslováquia	0	0	0-0
2.º Ucrânia	0	0	0-0
3.º Roménia	0	0	0-0
4.º Bélgica	0	0	0-0

GRUPO F

Turquia-Geórgia (18/06, 17h00)
Portugal-Rep. Checa (18/06, 20h00, SIC)
Geórgia-Rep. Checa (22/06, 14h00)
Turquia-Portugal (22/06, 17h00, RTP1)
Rep. Checa-Turquia (26/06, 20h00)
Geórgia-Portugal (26/06, 20h00, TVI)

	P	J	G
1.º Portugal	0	0	0-0
2.º Turquia	0	0	0-0
3.º Geórgia	0	0	0-0
4.º Rep. Checa	0	0	0-0

*Todos os jogos com transmissão em direto na SportTV

Dinamarca recusa aumento salarial

A seleção da Dinamarca recusou ontem um aumento salarial num acordo que contempla uma redução de 15% na cobertura do seguro para garantir igualdade de condições laborais com a seleção feminina. O novo acordo entre a federação e a seleção entra em vigor após o Euro 2024 e durará até 2028, com os internacionais masculinos e femininos a receberem o mesmo por representarem o país. "É um passo extraordinário para ajudar a melhorar as condições das seleções femininas", disse o diretor do sindicato de jogadores dinamarquês, Michael Sahl Hansen.

EPA/TAMAS KOVACS HUNGARY OUT

A dupla portuguesa fez a festa na pista de Szeged, na Hungria.

Iago Bebiano e Kevin Santos foram de ouro no Europeu

CANOAGEM O K2 200 de Portugal foi campeão da Europa num dia em que Fernando Pimenta ficou pela prata mas prometeu mais medalhas.

Os canoístas Iago Bebiano e Kevin Santos conquistaram ontem a medalha de ouro na final de K2 200 metros dos Europeus de canoagem, que decorre em Szeged, na Hungria, um feito a que se juntou à prata de Fernando Pimenta em K1 500 metros, num dia em grande para os portugueses.

O K2 nacional cumpriu a prova em 31,580 segundos, tendo rodado na frente quase toda a prova, deixando os polacos Jakub Stepun e Przemyslaw Korsak no segundo lugar (a 0,317 segundos) e os húngaros Levente Kurucz e Mark Opavszky a ficarem com o bronze (a 0,433).

"Não podia estar mais satisfeito. Acordámos às 5.30 horas para preparar a meia-final de K4 500, em que falhámos a final por um lugar. Um momento triste, mas tivemos de manter a cabeça fria e focarmo-nos nesta prova. Não podia ter sido melhor resultado", assumiu Iago Bebiano, estreante em Europeus. Por sua vez, Kevin Santos assumiu que o título de campeão da Europa "é o fruto de trabalho árduo, disciplina, entrega, saber estar...". "É tudo o que trabalhámos durante o ano. Não vale a pena fazer meia época a top, como malucos, se depois falharmos e não formos consistentes", assumiu o canoísta que conquistou pela terceira vez consecutiva o ouro nesta distância, depois de ter sido campeão em 2022 em K1, em 2023 em K2 misto com Teresa Portela e agora ao lado de Iago Bebiano. "Nunca pensei chegar a 2024 campeão da Europa em três anos consecutivos. É fruto do trabalho de toda a equipa e uma motivação para o futuro", disse Kevin Santos à agência Lusa.

Pimenta queria mais

A medalha de prata conquistada por Fernando Pimenta em K1 500 metros acabou por saber a pouco para o campeão português, que no final da prova, perdida para o húngaro Ádam Varga, assumiu não estar "100% satisfeito", apesar desta distância não ser o seu ponto forte.

"A primeira medalha já cá está. Não é a minha especialidade, mas tenho obtido bons resultados nesta distância, fruto do trabalho com o meu treinador (Hélio Lucas). Estou satisfeito, mas não 100% contente como contava. É mais uma medalha para o palmarés, para Portugal e os portugueses. Fui vice-campeão da Europa ante o Ádam Varga, a competir em casa e que apostou bem para esta prova", disse à agência Lusa.

> Fernando Pimenta conquistou a medalha de prata em K1 500 metros e vai amanhã tentar chegar ao ouro nas finais de K1 1000 e K1 5000.

Pimenta concluiu a prova em 1.38,222 minutos, gastando mais 1,260 segundos que Varga , que já tinha sido campeão da Europa nesta distância em 2023 e vice-campeão olímpico em Tóquio2020 nos 1000 metros, em que Pimenta foi bronze.

O canoísta do Benfica elogiou o "grande espetáculo" dado pelos finalistas da pista de Szeged e recorda que o principal foco da época não são os Europeus, mas sim os Jogos Olímpicos, nos quais Varga e o também húngaro Balint Kopasz, ouro em Tóquio2020, serão os seus maiores rivais em K1 1000 metros. "Não estou assim tão mal, mas não estou no melhor momento de forma", justificou Pimenta, que arrecadou a sua 143.ª medalha em competições internacionais e amanhã vai disputar as finais de K1 1000 e K1 5.000, nas quais quer fazer tocar o hino português.

DN/LUSA

Auditoria forense aponta comissões excessivas, mas Benfica não foi lesado

CONCLUSÕES A empresa que realizou os trabalhos não identifica "nenhuma situação" em que a SAD tenha sido prejudicada durante a presidência de Vieira.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

O Benfica anunciou ontem que a auditoria forense "não encontrou nenhuma situação ou particularidade em que a SAD tenha sido diretamente lesada por qualquer um dos seus representantes". Em comunicado, a direção liderada por Rui Costa revela que a Ernst & Young (EY), empresa responsável pelos trabalhos, não encontrou qualquer ilegalidade praticada pela gestão de Luís Filipe Vieira. Os encarnados dizem ter enviado "cópia do relatório para o Ministério Público", conforme tinha sido "publicamente assumido" pelo atual presidente, para assim ser incluído no processo que se encontra em investigação, denominado de Cartão Vermelho.

Após terem sido analisados os documentos de 14 anos, a auditoria concluiu que, no que diz respeito à análise do valor dos passes e comissões, foram identificados em "71% de casos, entre negociações e renegociações de contratos de trabalho desportivo", em que "os agentes envolvidos receberam comissões superiores a 3% da remuneração bruta", sendo que em "44% de casos, os agentes envolvidos receberam comissões superiores a 10% do valor da transferência". A EY alerta que estas percentagens excederam as normas da FIFA, mas considera que tal "não indica" que tenha havido "necessariamente, uma prática inadequada". "Importa referir que de acordo com informações obtidas, quando a transferência de um jogador não implica nenhum fluxo financeiro (custo zero), é prática habitual do mercado que o valor a pagar de comissão ao agente seja mais elevado do que seria em condições normais", pode ler-se.

A EY verificou ainda que, em relação a esses contratos analisados, cinco jogadores não realizaram qualquer jogo pelo Benfica (Yony Copete, Erdal Rakip, Pelé, Marçal, Nuno Coelho e Daniel Wass) e 10 apenas integraram a equipa B e/ou formação (Pedro Henrique, Bernardo Martins, Pêpê, Ronaldo Camará, Jonathan Ongenda, Stefan Mitrovic, Dálcio, Yartey, Nuno Santos e Ghislain Mbeyo).

Quanto às partes envolvidas nas transações apreciadas, houve "15 situações onde não foi possível identificar a estrutura acionista completa nem os Ultimate Beneficial Owners (UBO) das entidades com as quais a Benfica SAD se relacionou". Foram ainda registadas "10 situações onde as entidades com as quais a Benfica SAD estabeleceu uma relação de negócio se encontram sedeadas em paraísos fiscais", enquanto em "10 situações" foi verificado que "o agente/intermediário responsável pela intermediação do negócio dos jogadores apresenta um conflito de interesses com o próprio jogador".

A empresa refere ter analisado as caixas de correio eletrónico de Domingos Soares Oliveira, Miguel Moreira e Paulo Alves, num total de 244 747 e-mails, tendo ainda sido analisados contratos de 51 jogadores e 76 agentes.

Em jeito de recomendação, a EY diz ter identificado "um conjunto de oportunidades de melhoria de procedimentos e/ou de controlos internos, nas vertentes: documental, financeira e de análise de contrapartes, com o intuito de mitigar algumas das insuficiências detetadas". O relatório acrescenta contudo que "a Benfica SAD já implementou boa parte destes controlos adicionais para fortalecer o seu sistema de controlo interno, relativo aos procedimentos para futuras transações de jogadores".

Estatutos discutidos em AG

O resultado desta auditoria forense será tema nas duas assembleias gerais do Benfica que se realizam hoje na Luz, sendo que numa delas irá ser discutido e submetido a aprovação o orçamento do clube para a próxima época, enquanto a outra será para aprovar a metodologia de discussão e votação das propostas de alteração de estatutos. A propósito, a Comissão de Revisão de Estatutos do Benfica, da qual fizeram parte, Bagão Félix, João Pinheiro e Raquel Vaz Pinto, pediu ao presidente da mesa da Assembleia Geral, Fernando Seara, para que inclua a discussão da proposta por ela elaborada, que tem 18 pontos diferentes da apresentada pela direção.

carlos.nogueira@dn.pt

Carolina Markowicz

"Gosto de pessoas, de personagens, e não as quero atirar para uma fogueira"

CINEMA Homossexualidade, religião e crime cruzam-se num argumento engenhoso à volta de uma mãe e de um filho: *Pedágio*, coprodução brasileira e portuguesa, é uma das estreias fortes da semana. O DN conversou com a realizadora paulista Carolina Markowicz.

ENTREVISTA **INÊS N. LOURENÇO**

Era uma vez uma mãe solteira que trabalhava numa portagem – ou pedágio –, e um filho que gostava de fazer vídeos reluzentes e efeminados, a cantar com a voz de Billie Holiday. Ela, Suellen (Maeve Jinkings), queria que o filho não lhe "fizesse passar vergonhas". Ele, Tiquinho (Kauan Alvarenga), não está nem aí para comentários tacanhos. Um dia, porém, é obrigado a frequentar um *workshop* de cura gay ministrado por um padre português (Isac Graça), numa igreja de feição evangélica. Uma terapia dispendiosa financiada por um esquema criminoso na portagem onde Suellen trabalha. "O que uma mãe faz por um filho", diz ela, na cegueira deste Brasil picaresco e magoado.

Segunda longa-metragem de Carolina Markowicz, e o seu primeiro filme a estrear nas salas portuguesas, *Pedágio* impõe-se como um conto de energia universal, dentro da sua específica leitura da realidade brasileira. Não deprime nunca. É um olhar que cria um subtil filtro irónico e acredita no triunfo sereno do amor. Aí, talvez ao som de Dinah Washington.

> *"Neste caso, não queria fazer só mais um filme sobre cura gay, mostrando graficamente o sofrimento das personagens, dando palco a esse sofrimento."*

***Pedágio* é um filme de uma ironia deliciosa, apesar da mágoa e gravidade da sua questão central. É um filme que surpreende, por evitar o drama pesado. O que é que procurou neste alívio de tensão?**

Eu acho que quebrar a expectativa em relação ao drama é algo que, de certa maneira, está presente em todos os meus filmes. Gosto de ser surpreendida como realizadora e como espectadora – tenho curiosidade de experimentar tons, misturas, e não estar cingida à linguagem visual que se espera daquele tema. Gosto de tentar subverter, tentar encontrar um caminho diferente, não óbvio, sobretudo em termos de tom. Neste caso, não queria fazer só mais um filme sobre cura gay, mostrando graficamente o sofrimento das personagens, dando palco a esse sofrimento. Interessava-me a estranheza e o absurdo que envolve as pessoas que fazem e acreditam nisto.

Vê com preocupação o crescimento deste tipo de cultos ultra conservadores?

Preocupa-me, claro, mas já está tão instaurado que se aceita como qualquer coisa que faz parte. No Brasil, você vê uma igreja em cada esquina, é uma loucura! Não consigo imaginar como é que isto poderia aumentar ainda mais... O que me preocupa mesmo é a influência dessas igrejas, que se vê nas próprias eleições, com os pastores a orientarem os fiéis no sentido de votarem num determinado candidato, que obviamente é sempre alguém de extrema-direita. Isso é um grande problema. Porque os seguidores seguem mesmo! Enfim, toda a influência das igrejas remete para o conservadorismo e sempre existiu, pelo menos nas religiões muito ortodoxas. E acho que a igreja evangélica, no Brasil, é fruto da ausência do Estado em alguns lugares mais vulneráveis, onde essa igreja se torna uma espécie de refúgio, um motivo para continuar a viver. Todos nós humanos, existencialmente falando, precisa-

mos desse motivo. E estas pessoas estão mais abertas à influência, não tanto por ignorância, mas porque precisam de algo a que se possam agarrar. Então, diria que é compreensível, até pelo espetáculo que se proporciona: o culto é um autêntico *show*! Por isso preenche também uma carência de lazer.

Como é que preparou as cenas da terapia de conversão? De onde é que tirou os elementos mais disparatados?

As situações da cura foram inventadas. É claro que pesquisei muito, conheci muita gente, visitei muitos lugares e tal, mas inspirei-me particularmente no cenário político brasileiro, onde se vê um escárnio absoluto. Por exemplo, uma ex-ministra dos direitos humanos, agora senadora, que diz que as crianças não podem ter uma boneca da Disney, do filme *Frozen*, porque ela é lésbica, ou o pastor que num congresso começa a dizer sinónimos do seu órgão genital, ou ainda outro que usa uma peruca verde para desmoralizar a população trans... Estas pessoas dominam o palco político brasileiro. E em vez de serem descredibilizadas, é como se fossem levadas mais a sério!

É o *bullying* à moda de Bolsonaro.

Claro, com certeza. E é muito desanimador... Mas isto para dizer que me inspirei muito nessas pessoas. Porque o que elas fazem não deixa de ser uma "cura", um "tratamento" massificado. Quando estamos a falar de alguém com poder e relevância, que teoricamente carrega uma verdade positiva para a sociedade e se comporta daquela maneira, o que se pretende é que as pessoas atingidas se sintam mal por aquilo que são. No fundo, este foi mesmo o ponto inicial da criação do filme: o ridículo que se vê no cenário político, e o porquê de o ridículo não ser considerado... ridículo. Gosto muito de trabalhar na fronteira do "não é verdade, mas poderia ser".

Esta mãe [Maeve Jinkings] não é homofóbica, mas também não consegue lidar com o olhar dos outros. Ela só está mesmo preocupada com o que os outros pensam...

É exatamente isso: ela não é uma mulher homofóbica, e nem sequer religiosa. É uma mãe solteira que acorda de madrugada todos os dias, para ir trabalhar, ganha mal e tem de criar o filho sozinha. A ideia era mostrar uma pessoa que não consegue desligar-se da influência da sociedade homofóbica onde vive. Ela é produto dessa sociedade que diz que, se ela criou um filho que não é o padrão masculino, em todos os sentidos, então fez algo de errado. É quase uma questão de osmose.

É a sociedade que incute o sentimento de culpa, como se vê pela colega e amiga da mãe, que a convence, com os argumentos mais inacreditáveis, a meter o filho na cura.

Kauan Alvarenga e Maeve Jinkings: um conto de mãe e filho.

Isac Graça, o "exótico" padre português.

Totalmente. Uma sociedade onde tudo o que fazemos é culpa, mas se for feito em nome de Deus, tudo é permitido: estamos isentados de qualquer preocupação moral. Essa personagem é a personificação da família "tradicional", que não tolera os gays, mas não se importa tanto com amantes ou o facto de um marido bater na mulher, sendo também a favor do porte de arma, claro. Isso é muito, muito comum.

Falemos agora do protagonista, Kauan Alvarenga, que é uma escolha perfeita. Sei que fez antes uma curta-metragem com ele...

É um rapaz incrível. Trabalhei com ele na curta *O Órfão* [2018], que teve um bom percurso – estreou em Cannes e ganhou o Queer Palm –, e nessa altura foi merecidamente o alvo das atenções. Então, quando comecei a escrever o *Pedágio*, pensava muito nele: aquela falta de deferência pela câmara, um ar de enfado, muito próprio da adolescência...

"No Brasil, você vê uma igreja em cada esquina, é uma loucura! (...)O que me preocupa mesmo é a influência dessas igrejas, que se vê nas próprias eleições."

Um desprendimento que, curiosamente, nos faz querer segui-lo ainda mais.

Eu tenho essa sensação também! É bom saber que não sou a única. Mas essa mesma sensação é o que faz com que a mãe se irrite com ele. É uma postura que faz parte da fase da adolescência. Eu não queria a história do "coitado do filho gay incompreendido", com uma mãe vilã. O jeito do Kauan ajuda a manter o registo na zona acinzentada.

E como é que se deu a coprodução portuguesa?

A minha produtora brasileira já tinha realizado um filme em coprodução com *O Som e a Fúria*. Apresentou-me o Luís [Urbano], que é um querido, e ele entrou logo como produtor; demo-nos muito bem. Depois, o Isac [Graça] veio de uma forma inesperada: à partida, eu não tinha nenhuma intenção especial de ter um ator português no filme, mas também não estava a conseguir comprar as versões dos pastores que me apresentavam, aquele modelo do "senhorzinho de fato", que já está muito vista e é um pouco cansativa... Faltava qualquer coisa. E foi aí que me apresentaram o Isac, que eu achei que tinha algo de muito improvável e podia ser interessante para a personagem. É um pastor que, além de vir de fora, tem o ar de quem conseguiria trazer jovens para a igreja. Isto misturado com uma *vibe* de pseudociência, que permite uma caracterização não cingida à igreja evangélica.

"A Europa olha para o Brasil pela lente do exotismo – samba, futebol, suor, cerveja, Amazónia... –, e neste caso a figura exótica é um europeu, de um país colonial."

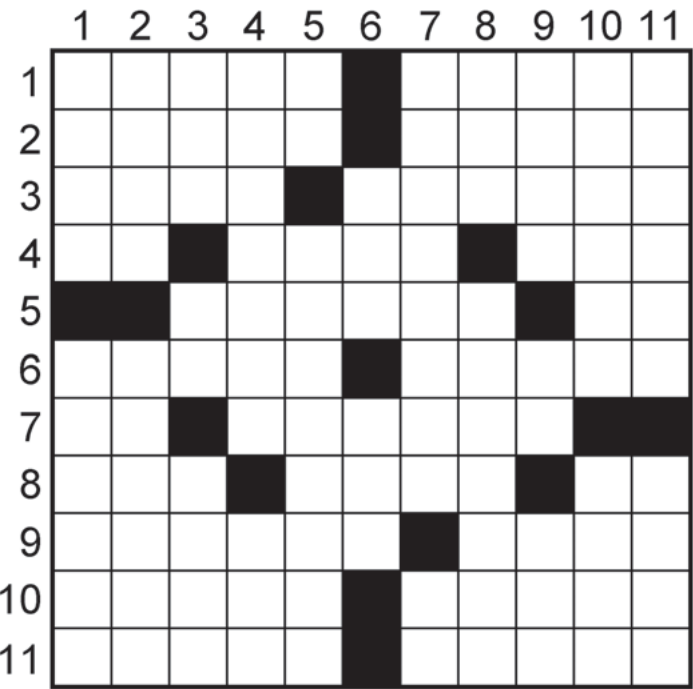
Ele traz uma nota um pouco exótica, não é? Há esta ideia do Brasil como país exótico, e depois esta personagem europeia surge como a ave rara que ele próprio dá como exemplo na primeira sessão da cura.

Essa analogia é muito interessante. Porque, de facto, a Europa olha para o Brasil pela lente do exotismo – samba, futebol, suor, cerveja, Amazónia... –, e neste caso a figura exótica é um europeu, de um país colonial. Metaforicamente, isso também faz sentido, porque o que ele representa é outra forma de colonizar... E foi muito divertido de filmar. Embora eu tivesse estabelecido com os atores que aquilo era a coisa mais séria do mundo!

Sendo um filme que mexe com as crenças de muitas pessoas, em algum momento hesitou na abordagem?

Tento sempre ter uma sensibilidade, uma delicadeza no tratamento dos temas. Gosto de pessoas, de personagens, e não as quero atirar para uma fogueira. Mas arriscar é importante na arte, pelo menos para mim. De resto, há sempre polémica, seja quando faço esse cálculo ou quando não faço. Temas espinhosos é assim. Agora, se me importa? Importa. Mas não quero deixar de fazer aquilo que quero ver.

dnot@dn.pt

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Jogo de tabuleiro. Limpar, banhando em líquido. 2. Impede (um movimento natural). Anos de vida. 3. Povoação de categoria superior a aldeia e inferior a cidade. Figura. 4. Elas. Flanco. Espaço de 12 meses. 5. Pequena casa rústica. Preposição que designa posse. 6. Adjunto. Piso de um prédio. 7. Lutécio (símbolo químico). Cultor curioso de qualquer arte. 8. Nome feminino. Erguer. Presidente da República (abreviatura). 9. Garoto. Cidade e sede de concelho do distrito do Porto. 10. Arremessa. Pôr data em. 11. Triturar. Elemento químico gasoso que se localiza no grupo 17 da tabela periódica.

Verticais:
1. Cantora notável (figurado). Cordão de metal ou de requife que guarnece ou abotoa a frente do vestuário. 2. Erva-doce. O ponto mais elevado da popa do navio. 3. Dez vezes cem. Numeração romana (101). Matéria corante azul de origem vegetal. 4. Rumo tomado pela caça ao levantar-se. Raiva. 5. Partícula apassivante. Detestar. 6. Viagem. Rijeza (figurado). 7. Bebida refrigerante ou medicamentosa, em que entra sumo de limão ou ácido cítrico. Numeração romana (600). 8. Nome feminino. Que está fora das normas. 9. Grande onda. Doutor (abreviatura). Aperto com nó. 10. O que se acrescenta para completar. Queixar-se. 11. Ruminar. Pouco frequente.

SUDOKU

3					4	7	2	
5		2	9		8		4	
				7		3		
				6	9		5	
2			4				7	
		9				1		6
6			8			5		7
7	8	3	2					
					7		6	

SOLUÇÕES

3	9	8	6	1	4	7	2	5
5	7	2	9	3	8	6	4	1
1	4	6	5	7	2	3	9	8
8	3	7	1	6	9	2	5	4
2	6	1	4	8	5	9	7	3
4	5	9	7	2	3	1	8	6
6	2	4	8	9	1	5	3	7
7	8	3	2	5	6	4	1	9
9	1	5	3	4	7	8	6	2

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Damas. Lavar. 2. Inibe. Idade. 3. Vila. Imagem. 4. As. Lado. Ano. 5. Cabana. De. 6. Adido. Andar. 7. Lu. Amador. 8. Ana. Içar. PR. 9. Menino. Maia. 10. Atira. Datar. 11. Ralar. Cloro.
Verticais:
1. Diva. Alamar. 2. Anis. Duneta. 3. Mil. CI. Anil. 4. Abalada. Ira. 5. Se. Abominar. 6. Ida. Aço. 7. Limonada. DC. 8. Ada. Anormal. 9. Vaga. Dr. Ato. 10. Adenda. Piar. 11. Remoer. Raro.

MARIA JOÃO GALA/GLOBAL IMAGENS

Todo o percurso será marcado pela beleza única da paisagem Património Mundial da UNESCO.

A viagem faz-se a bordo de um comboio puxado por um locomotiva a vapor de 1925.

RUI MANUEL FERREIRA/GLOBAL IMAGENS

A todo o vapor pelas paisagens do Douro

LAZER Até ao final de outubro, o Comboio Histórico do Douro, puxado por uma locomotiva com quase 100 anos, vai realizar 51 viagens entre a Régua e a estação do Tua, com paragem no Pinhão. Oportunidade para apreciar a paisagem, provar os produtos da região e viver uma experiência inesquecível.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

É este sábado que o Comboio Histórico do Douro regressa aos carris. Como manda a tradição, a CP proporciona nos meses mais quentes uma viagem no tempo sobre carris, que promete ser inesquecível, pelo coração do Douro. Ao todo, até ao final de outubro, serão realizadas 51 viagens que promovem a cultura, os produtos e a história locais.

A experiência faz-se a bordo de um comboio composto por uma icónica locomotiva a vapor de 1925 – a CP 0186 - e por cinco carruagens construídas entre 1908 e 1934 que vai percorrer os 36 quilómetros de distância entre as estações da Régua e do Tua, com paragem no Pinhão, e que depois regressa ao ponto de partida.

No âmbito da parceria com as autarquias de Alijó, Carrazeda de Ansiães e Peso da Régua, que, segundo a CP, "pretende valorizar este território, promover os produtos locais e enriquecer o serviço de turismo ferroviário", em cada viagem haverá animação regional a bordo, assim como doces típicos da região.

De acordo com a CP, o programa arranca na Régua, 30 minutos antes da partida, com a oferta de um cálice de vinho do Porto - "Porto Ferreira", águas e rebuçados da Régua, entre outros. Na estação do Pinhão, onde se efetua uma paragem tanto na ida como na volta, os passageiros poderão assistir ao abastecimento de água à locomotiva a vapor e admirar os famosos painéis de azulejos que decoram as paredes. Terão ainda a possibilidade de visitar uma "Wine House" e de adquirir produtos típicos da região. Na Estação do Tua, enquanto a locomotiva a vapor faz as manobras de inversão, há tempo para relaxar, admirar a paisagem e passear.

Todo o percurso será marcado pela beleza única da paisagem Património Mundial da UNESCO.

Este ano, a CP aumenta o número de viagens "face ao crescente interesse e procura por esta experiência diferente e histórica". A primeira é este sábado e a última será a 27 de outubro, sempre às quartas-feiras, sábados, domingos e também no feriado de 15 de agosto. O comboio histórico do Douro tem capacidade para transportar 254 passageiros, partindo sempre às 15h30 e estando de volta às 18h26.

Cada viagem tem o preço de 54 euros por adulto e 28 euros por criança, havendo preços especiais para grupos.

sofia.fonseca@dn.pt

RUI MANUEL FERREIRA/GLOBAL IMAGENS

As viagens promovem a cultura, os produtos e a história locais.

Diario de Noticias

CARIDADE E PATRIOTISMO

A CRUZADA DAS MISERICORDIAS

A viagem aerea

LISBOA-MACAU

O MUSEU NUMISMATICO

FOI ONTEM INAUGURADO SOLENEMENTE

LOURDES E A MEDICINA

OS FERRO-VIARIOS e a tuberculose

VIDA POLITICA

VIDA DIPLOMATICA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 15 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A viagem aerea

LISBOA-MACAU

Aguarda-se a todo o momento a chegada do "Portugal" ao termo da sua rota de gloria

AS FESTAS QUE SE PREPARAM

para celebrar o memoravel acontecimento

Até á hora de encerrarmos o nosso jornal não se receberam em Lisboa noticias sobre a ultima etapa da gloriosa viagem de Lisboa a Macau, vencida com singular pericia e intrepidez pelos aviadores portugueses.

Durante o dia e a noite de ontem numerosissimas pessoas acorreram ao Aéro-Clube numa justificada ansiedade de colher noticias.

Os srs. comandante Cerqueira, tenente Paixão e José Julio Brito Pais, assim como outras individualidades daquela instituição, prestaram solicitamente os esclarecimentos que lhes eram requeridos, conservando-se ali durante muitas horas.

Em frente do Palacio do Calhariz, onde está instalado o Aéro Clube, permaneceu muita gente, aguardando que fôsse recebida a noticia da chegada do avião «Portugal» a Macau.

O telefone funcionou constantemente. Eram pessoas que queriam a todo o transe informar-se da conclusão da viagem.

Havia grande entusiasmo não só na séde do Aéro Clube, como tambem em outros pontos da cidade, principalmente em frente dos «placards» do «Diario de Noticias».

Morteiros enganadores . . .

Pelas 3 horas da tarde ouviram-se quatro morteiros que rebentaram com pequenos intervalos, seguidos do estralejar de foguetes. Muita gente supôs serem os convencionados sinais que têm assinalado cada uma das etapas. Tratava-se, porém, da inauguração da exposição de numismatica a que noutro lugar nos referimos. Mas, desde logo, se manifestou um contentamento geral, dirigindo-se, por esse facto, muita gente para o Aéro-Clube.

Pelas noticias das consagrações oficiais, que a seguir ficam registadas, verificarão os leitores que não ha lugar para duvidas a respeito da recepção da noticia que dará ao país a feliz nova da conclusão do emocionante empreendimento de Sarmento de Beires e Brito Pais.

Resta acrescentar que o Aéro-Clube queimará, a partir do momento da recepção, alguns milhares de morteiros e foguetes, 600 na «terrasse» do Palacio e 1.400 no Rossio, Terreiro do Paço, S. Pedro de Alcantara, Costa do Castelo, etc.

Em varios pontos da cidade estão tambem organizadas comissões para celebrar o acontecimento.

A demora das noticias

A noticia da aterragem do «Portugal» em Macau deve levar muitas horas a chegar a Lisboa, como aconteceu com a da etapa Bangkok-Hanoi, que, tendo sido expedida desta ultima cidade em 12, só chegou a Lisboa no dia imediato pelas 3 horas da tarde. E' preciso não esquecer que um telegrama expedido de Cantão, de Macau ou de Hong-Kong tem de passar por Singapura, Penang, Colombia, Alexandria, Gibraltar, Carcavelos e Lisboa.

Assim, é de presumir que só hoje a grande noticia satisfaça a ansiedade e o orgulho dos portugueses.

De uma carta de Brito Pais a seu pai

O pai de Brito Pais recebeu ontem de seu filho uma carta em que se diz o seguinte:

Cá estamos na India. A nossa palavra cumpriu-se. A viagem Vila Nova de Milfontes-India, está feita.

As ultimas etapas foram horriveis, e as que seguem creio que não são melhores.

Em todo o caso tencionamos recomeçar depois de amanhã.

O aparelho sofreu muito com a estada na Persia, debaixo de sol, pois não havia abrigo nenhum.

Foi beneficiado aqui e vamos a vêr se continua a comportar-se bem.

Recebi o seu telegrama em que me diz que os nossos estão bem.

Obrigado por ele, pois o que mais me faz sofrer é a saudade da familia, e o calor, que é insuportavel.

Nesta ultima viagem isto esteve por um fio, mas Deus não quis o salvámonos.

O resto a Deus pertence...

Manifestações oficiais em todo o país

Pela secretaria da Guerra foi determinado aos comandantes das divisões do exercito que, logo que recebam comunicação da chegada dos aviadores a Macau, as bandas regimentais percorram a área da jurisdição do seu regimento, associando-se assim ás manifestações de regozijo nacional.

Foi tambem determinado que se observem todas as manifestações festivas indicadas para os dias de feriado nacional, incluindo melhoria do rancho, as quais se realizarão, sendo possivel, no proprio dia da chegada da noticia ou no dia imedito.

A salva de 21 tiros, com que o Castelo de S. Jorge anunciará á capital a chegada dos aviadores a Macau, será dada a qualquer hora.

O sr. ministro da Marinha determinou que, quando fôr recebida a noticia da chegada a Macau do avião «Portugal», conduzindo Brito Pais e Sarmento de Beires, se fôr antes de pôr o sol, os navios armados icem as bandeiras nacionais nos topes e dêem uma salva de 21 tiros.

A' noite, os navios iluminarão, bem como os edificios dependentes do seu ministerio.

No dia seguinte haverá embandeiramento em arco e salva de 21 tiros ao meio dia

Os edificios da marinha içarão a bandeira nacional e nos navios e estabelecimentos da marinha, onde haja forças da Armada, será feita por um oficial uma conferencia alusiva ao acto que se soleniza.

Haverá tambem melhoria de rancho.

A nossa subscrição

Transporte	53.349$45
Tenor Almeida Cruz, Pernambuco	500$00
Do nosso assinante sr. Narciso Alvaro Nunes da Rosa (Cadaval-Figueirós)	3$00
Gisélia da Conceição	2$50
Da sr.ª D. Candida Valente, produto da venda de bilhetes postais e fotografias dos aviadores (7.ª série)	134$90
	53.989$85
	£ — 4 1.0
	Frs. — 50

(Continúa na 2.ª pagina)

UMA FESTA NA CASA DA MOEDA

O MUSEU NUMISMATICO

FOI ONTEM INAUGURADO SOLENEMENTE

O Chefe do Estado honrou o acto com a sua presença, sendo muito vitoriado

NA CASA DA MOEDA—Em cima: O sr. Presidente da Republica e o chefe do governo—Em baixo: O sr. Teixeira Gomes assistindo á fundição de moedas

Com a assistencia do sr. Presidente da Republica, do governo e de grande numero de convidados do elemento oficial, foi inaugurada ontem na Casa da Moeda, a interessantissima exposição exposição das colecções numismatica e de medalhas que se encontravam no Palacio Nacional de Ajuda e que agora vieram enriquecer identicas colecções já existentes naquele estabelecimento fabril do Estado.

O sr. Teixeira Gomes, recebido á entrada do edificio pelo administrador geral interino, sr. dr. Alberto Xavier, e demais pessoal superior, iniciou a sua visita pela exposição numismatica contida em três salas acanhadas, examinando demoradamente, na companhia do chefe do governo e de alguns ministros, toda a variedade de moedas nacionais e estrangeiras, detendo-se junto dum pequeno cofre de pau santo, onde comtemplou algumas moedas raras de porcelana chinêsa e grande numero de cunhos que têm servido para moldagem desde o reinado de D. Manoel I.

O sr. Teixeira Gomes, acompanhado tambem pelo sr. dr. Custodio José Vieira, conservador dos Palacios Nacionais, que solicitamente lhe dava explicações, visitou as restantes salas, admirando todo o material exposto, proprio para a confecção de titulos, selos e postais, sendo-lhe mostrado, antes de se dirigir ás grandes oficinas, a fórma como se faz a cunhagem da moeda.

Seguidamente o Chefe do Estado visitou todas as oficinas, que se encontravam engalanadas, sendo saudado, na sua passagem, pelo pessoal. Por fim assistiu á fundição da nova moeda, fazendo o pessoal a operação do vasamento do metal derretido em cadinhos para as «rilheiras», onde a moeda recebe a respectiva moldagem.

Das oficinas passou o sr. Teixeira Gomes ás outras dependencias onde exerce grande actividade o pessoal feminino na confecção dos valores selados, observando todo o maquinismo e trocando impressões a este respeito com o administrador interino. Terminada a visita no gabinete do director interino, o sr. Presidente da Republica despediu-se do sr. dr. Alberto Xavier e do pessoal superior da Casa da Moeda, fazendo encomios á organização daquele estabelecimento e prestando a sua homenagem ao esforço e dedicação de todo o pessoal que — disse — teve ocasião de admirar com prazer, vendo em todos um grande culto pela Patria e pela Republica.

O Chefe do Estado lamentou as condições acanhadas em que estão montadas todas as oficinas, que realmente não correspondem á expansão que tem semelhante estabelecimento, dizendo ser precisa a sua ampliação e dotá-lo de melhoramentos de maneira a torná-lo similar dos existentes no estrangeiro.

Depois de assinar o seu nome no livro dos autografos e de se despedir de todos os presentes, o sr. Teixeira Gomes retirou-se, acompanhado pelo comandante sr. Jaime Athias e pelo oficial ás ordens 1.º tenente sr. Arantes Pedroso.

Entre a numerosa assistencia viam-se os srs. presidente do ministerio, ministros da Instrução, da Guerra, da Marinha e das Colonias, com os respectivos ajudantes e secretarios; director do Banco de Portugal, sr. Inocencio Camacho; da Imprensa Nacional, sr. Luís Derouet; presidente da Camara dos Deputados, parlamentares, representantes da imprensa e muitos outros convidados.

A' entrada do sr. Presidente da Republica foram lançados muitos morteiros e dentro do edificio as empregadas cobriram-no com petalas de flores.

As salas do museu vão ser ampliadas, estando o mesmo patente ao publico todas as quintas-feiras.

Humoristas portugueses recebidos pelo Papa

Ricardo Araújo Pereira (na foto), Joana Marques e Maria Rueff foram recebidos pelo Papa Francisco ontem, sexta-feira, no Vaticano. O encontro foi organizado pelo Dicastério para a Cultura e a Educação, presidido pelo cardeal português José Tolentino Mendonça, e pelo Dicastério da Comunicação da Santa Fé. Na sua página de Instagram, Joana Marques e Maria Rueff publicaram várias fotos e vídeos do encontro. Além dos três portugueses, no encontro com o Papa estiveram, no total, 105 humoristas de todo o mundo, incluindo o brasileiro Fábio Porchat e os norte-americanos Stephen Colbert, Jimmy Fallon e Conan O'Brien. Um a um, apresentaram-se perante o Papa, tendo alguns demorado escassos segundos no cumprimento e outros conseguido uma troca de palavras ou até uma fotografia. "Vocês unem as pessoas, porque o riso é contagiante", afirmou Francisco, acrescentando que não é uma heresia fazer humor sobre Deus.

EPA/CLAUDIO PERI

CDS condena "crimes de ódio" de "polos opostos"

VIOLÊNCIA Reagindo a ataque a restaurante israelita em Lisboa, CDS associa-o às agressões a imigrantes no Porto como "extremismos de polos opostos".

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

"Se a liberdade de expressão é um direito inalienável, o racismo ou o ressurgimento do antissemitismo [...] são inaceitáveis em sociedades democráticas consolidadas. Perante tal, os partidos políticos que se reveem nas regras básicas dos Estados de direito não podem manter impassividade ou silêncio."

Este é um dos parágrafos do comunicado que o CDS enviou às redações no fim da tarde desta sexta-feira, apelando à "condenação veemente" por "todos os partidos democráticos" dos "crimes de incitamento ao ódio e à violência" e anunciando que vai apresentar um voto nesse sentido no Parlamento. O apelo surge na sequência da vandalização, na noite de 11 de junho, da fachada do restaurante lisboeta Tantura, propriedade de um casal israelita, com a pichagem encarnada "Tantura é um massacre" – que alude à ocupação da localidade palestiniana com esse nome pelo exército israelita em maio de 1948 e a um denunciado massacre de parte da respetiva população árabe.

O CDS insere o ataque ao restaurante, que abriu em 2017, naquilo que descreve como uma escalada dos crimes de ódio em Portugal: "Cresceram 38% em 2023 e, desde o início do ano, temos assistido, quase semanalmente, a sucessivos atos de vandalismo, crimes contra a identidade cultural e integridade pessoal e a manifestações racistas, xenófobas ou antissemitas." No mesmo plano, caracterizando-os como "manifestações de extremismo nascidas de polos opostos", o partido coloca os "ataques contra imigrantes no centro do Porto" no início de maio (atribuídos a elementos do grupo de extrema-direita 1143) e "ações dos chamados coletivos pró-Palestina, que, juntando-se a ações mais agressivas dos chamados movimentos climáticos, têm vindo a elevar o grau de violência da sua ação política".

Exemplifica ainda com "a tentativa de ocupação e vandalização de edifícios públicos, incluindo ministérios, com fachadas pintadas e janelas partidas, ou universidades", "os insultos e arremesso de objetos contra os convidados para as celebrações do 76.º aniversário do Estado de Israel e "as situações de confronto entre manifestantes de extrema-esquerda e de extrema-direita que levaram a uma intervenção da PSP junto ao Padrão dos Descobrimentos [no 10 de junho]".

BREVES

Museus de Portugal e TNSJ com novas administrações

Em Conselho de Ministros foram aprovadas as nomeações dos conselhos de administração da Museus e Monumentos de Portugal e do Teatro Nacional de São João para 2024-2026. Alexandre Pais vai ser o novo presidente do conselho de administração da Museus e Monumentos de Portugal, tendo como vogais Esmeralda Paupério e Sónia Teixeira. Já para a presidência do conselho de administração do Teatro Nacional de São João foi nomeado Pedro Sobrado, tendo Cláudia Leite e Nuno Mouro como vogais. Na área do património foram nomeados dois vice-presidentes do Conselho Diretivo do Património Cultural, Ana Catarina Sousa e Ângelo Silveira, que se juntam a João Soalheiro, presidente.
Alexandre Nobre Pais participou na curadoria e organização de diversas exposições em Portugal e no estrangeiro. Recebeu também o prémio de Museólogo do Ano pela Associação Portuguesa de Museologia em 2020. Já Pedro Sobrado foi, desde outubro de 2023, presidente do conselho de administração da Museus e Monumentos de Portugal e presidente do conselho de administração do Teatro Nacional de São João entre 2018 e 2023.

Cristiano Ronaldo comprou 10% da Vista Alegre

O jogador Cristiano Ronaldo comprou ontem 10% do capital da Vista Alegre Atlantis e acordou adquirir, nos próximos dias, 30% do capital da Vista Alegre Espanha, foi comunicado ao mercado. "Cristiano Ronaldo, um dos melhores jogadores de sempre da história do futebol mundial e a personalidade portuguesa mais conhecida e admirada em todo o mundo, adquiriu, através da CR7, S.A., e em alinhamento estratégico com o Grupo Visabeira, 10% do capital da Vista Alegre Atlantis", avançou, em comunicado, a empresa. Paralelamente, o capitão da seleção portuguesa de futebol e a Vista Alegre anunciaram a criação, "em partes iguais", de uma empresa no Médio Oriente e Ásia, tendo por objetivo fazer crescer as marcas Vista Alegre e Bordallo Pinheiro naqueles mercados. O valor do negócio não foi revelado. Segundo detalhou a mesma nota, esta colaboração vai permitir acelerar a expansão das marcas no segmento de luxo em vários mercados, tanto no retalho como na hotelaria. "A Vista Alegre e a Bordallo Pinheiro são marcas pelas quais sempre tive uma grande admiração e das quais sou cliente assíduo. A possibilidade de apoiar a estratégia de globalização da marca Vista Alegre como marca de *lifestyle* de luxo é um orgulho para mim enquanto português", afirmou Ronaldo, citado no documento.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt